entre rios

Tânia Machado

entre rios

entre rios

Tânia Machado

Para minha tia Rita,

alta, magra, dona de um colo generoso que me recebia em muitos momentos da infância.

Todas as noites ela nos contava uma história de príncipes e princesas, de heróis, fadas, bruxas, pescadores.

Quando era fotografada, ela olhava para cima, para que seus olhos verdes se destacassem, embora as fotos fossem em preto e branco.

Nós a chamávamos Tenha.

E a meus filhos, Bernardo e Isabela, para que se mirem no exemplo deste homem.

Apresentação

Para iniciar a conversa sobre Greg

Era uma vez, um homem alto, magro, de bigodes e barba longa...

Quando Tânia Machado, aluna do curso de especialização em Produção do Livro, da Cátedra Unesco de Leitura, com os departamentos de Letras e Design, me procurou para orientá-la na monografia final, disse-me que queria pesquisar o tema da oralidade e dos contadores de histórias. Há algum tempo, cerca de 30 anos, ele entrou em pauta, não sem resistências, no trato da promoção da leitura.

Disse-lhe que havia bons trabalhos, boa bibliografia, mas pouco foco em contadores de carne e osso. Lembrava-me do Roberto Carlos, de Minas, que se tornara um profissional de terno e gravata, personagem de filme com uma história pessoal de comover duros corações. Fazia falta ver "o de dentro" de um contador de peso. Carecia buscar por entrevista, acompanhar a formação de um contador contemporâneo, que atua no mundo urbano.

Sugeri alguns nomes de batalhadores, entre muitos expressivos, o de Francisco Gregório Filho, Greg, com quem misteriosamente, por força do destino vim a compartilhar a experiência magistral de criar e consolidar em cinco anos um projeto, o de estabelecer as bases para uma Política Nacional de Leitura no Brasil e o da criação de uma unidade na Biblioteca Nacional dedicada "à terceira perna do tripé" de Affonso Romano de Sant'Anna, na administração daquele colosso de memórias e acervos que é a nossa Biblioteca Nacional.

Ei-la, agora, depois de tanta conversa e alguma orientação, a me pedir algum texto para aquela monografia que vira livro, aleluia!

O título que dei, retomando a apresentação de Tânia na monografia, é um índice, apenas material, do homem. Greg nada tem de um bom velhinho – que não o é –, nem do aparente homem manso peregrino nas quebradas destes brasis. Já percorreu o país, sim, mais que qualquer ministro da educação e da cultura, em escolas e bibliotecas, sindicatos, casas e museus, hospitais e acampamentos, secretarias e associações diversas. Contou e recolheu histórias desde a infância no Acre, até os gabinetes em que, secretário de Cultura, ouviu causos que, por ética gerada no berço, ainda guarda. Mas guarda firmeza e coragem, como diria Guimarães Rosa.

O texto da pesquisa, escrita a partir de entrevistas com ele e depoimentos de muitos que convivem com seu profissionalismo e sua arte, sai à publicação. Tânia, modesta mas disciplinada, faz um belo trabalho de

recuperação na linha do tempo, traz e conta histórias deste personagem vivo da recente história da leitura no país, procurando dosar sua admiração e o registro isento - enquanto possível - das memórias de um e de outros.

Por meu lado, o que posso acrescentar a tantas vozes e ao texto bom que lerão?

Sobre Tânia: a dedicação e seriedade com que a "jornalista" se propõe a traçar esta biografia primeira do artista Francisco Gregório Filho percorrendo uma estrada de historiadora que recolhe os cacos para criar nexos que resultem num perfil mais nítido de uma "história de vida". Tarefa cumprida que agora partilha, generosamente e se abre a complementos.

Sobre Gregório: como entro nesta polifonia que não chega a ser bakhtiniana, porque os detratores da "contação" de histórias (palavra criada por ele, quando começamos as oficinas na Casa da Leitura, em 1992) estão ausentes, não por censura, mas por não poderem questionar sua contribuição para a formação de leitores... como entro, sentindo-me (sem tomar carona no seu êxito pessoal), sua permanente cúmplice em surdina, sua interlocutora constante, em que as diferenças se somaram positivamente, como manda a boa matemática?

Da produção à difusão, da criação à representação, a mesma delicada mas firme atuação de um homem com compromisso público. Na convergência de muitas artes, encontrou seu lugar de múltipla inserção, desde a administração pública até a animação de plateias de

leitores em formação. De um lado, não há como negar o respeito mútuo e a admiração minha por seu desempenho, antes e depois do Proler, quando, de fato, nos encontramos em um trabalho a quatro mãos.

Nem pensem num homenzinho submisso e aquiescente a decisões tomadas solitariamente. O diálogo que foi nossa tônica, não ocorreu sem ponderações e debates. A confiança nos salvou de rupturas e dissensões. Mas acrescentou muito a todo o trabalho desenvolvido a partir dali, para ele e para mim, creio.

Quando a polêmica sobre o lugar da oralidade na formação de leitor começou a fazer ruído, pensamos na Casa da Leitura, que o Proler precisava invocar academicamente, mas não só, as práticas de "Contação" na experiência que desde a reflexão benjaminiana de "O Narrador" aparecia referendada como narrativas constituintes da cultura coletiva e pessoal. Decidimos pelas oficinas que se constituíram, por três anos, mês a mês, naquela Casa que foi mágica para o país, desde sua desocupação por "assombrações" até o término abrupto de sua fase de criação e implantação, uma joia na coroa: eu trabalhava a parte teórica e ele ia às práticas. Não que houvesse a possibilidade de que ele desconhecesse os fundamentos teórico-metodológicos do trabalho, nem que eu desconhecesse a prática (era, desde 1989, integrante do Morandubetá), mas o jogo lúdico nos favorecia muito.

Sua chegada à equipe do Proler, ainda na sua primeira configuração, foi precedida por uma conversa franca em que ele perguntava por seu lugar no projeto que eu liderava por demanda do meu ex-diretor de tese, na

PUC-Rio, professor Affonso: qual será meu papel? Sabia que ser coadjuvante não lhe interessava. Descobrimos na prática como seria: eu viria a cuidar da política, das discussões técnicas e acadêmicas, partilhando o dia a dia , na vida, enquanto que ele estava no cotidiano da Casa e do Programa, acompanhando o debate com pesquisadores e colaboradores, com mente e ouvido atentos.

Nunca mais nos separamos, mesmo que não voltássemos a uma execução conjunta. Como nos vemos regularmente, trocamos notícias, colaboramos entre pensamentos e práticas, lado a lado, sempre que possível. O desejável, ainda não foi possível outra vez, como naquela parceria de conjugações insuspeitadas. Temos livros em comum, partilhamos projetos e planos, ele viandante contumaz, orientador suave mas seguro de muitas ações, eu, por outro lado, lutando por uma vida acadêmica e uma universidade no âmbito da pós-modernidade, como pede Boaventura de Souza Santos em "Pelas Mãos de Alice". Aliados. O que compromete muito esta apresentação e expõe algo muito belo na vida que é a amizade entre diferentes. Daqui saúdo Tânia e Gregório, os estudos e as práticas que levam notícias da vida universitária ao mundo e vice-versa. Que belo encontro tivemos – "olé, olé, olá"

Eliana Yunes

Doutora em Linguística pela Universidade de Málaga, em Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, com pós-doutorado em Leitura pela Universidade de Colônia. Assessora do Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e Caribe (Cerlalc/Unesco) e codiretora da Cátedra Unesco de Leitura no Brasil, PUC-Rio.

Prefácio

Há quem enxergue nele a figura de avô, de patriarca, de um mago saído das histórias dos Cavaleiros da Távola Redonda ou das páginas de J.R.R. Tolkien; alguns o veem como Papai Noel. Aos meus olhos inaugurais, um personagem, daqueles sábios, havia pulado de algum conto ou causo da minha infância em Minas Gerais.

De qualquer forma, o personagem, de bigodes e longas barbas, é simpático, acolhedor, nos convida a parar e ouvir. Ele aprumou a postura, cresceu no palco, impostou a voz reforçando os erres, a fala mansa e pausada, braços compridos e gestos suaves. Parou o tempo e começou a contar uma música "... um pequenino grão de areia enamorou-se de uma estrela...". Foi aí que eu pisquei de volta e também me enamorei.

Um tempo depois, fui fazer uma oficina de contação de histórias, na qual esse personagem seria o professor. E lá ele contou a história das toalhinhas (quanta delicadeza com o feminino), "O nascimento das estrelas" (eu conhecia a versão da Clarice Lispector; lido por ele, o conto parecia outro, ganhava uma nova dimensão), "O nascimento do amor", belíssimo, e muitos outros. Nunca mais vou ouvir Dona Baratinha sem me lembrar de sua voz. Entoou, dançou, brincou, mostrando como contar uma história, fazer repertório, trabalhar a memória e, principalmente, a importância da

história na aquisição da leitura. Ele também trouxe outros contadores, outros exemplos, mostrando a pluralidade do assunto. Generoso, deu espaço a outras vozes. Não saí uma contadora, sou muito tímida, não tenho boa memória e nem era essa a minha intenção. Penso que sou leitora, ouvinte. O que eu queria então? Desvelar os segredos, aprender o pulo do gato. Um caminho para fazer minha monografia do curso de especialização em Produção do Livro – do Autor ao Leitor, da Cátedra Unesco de Leitura, PUC-Rio, cujo tema eram os contadores de histórias. Seria uma homenagem a uma tia, um agradecimento a quem me contou muitas histórias de príncipes, princesas e pescadores. Nessa oficina, decidi: faria a monografia sobre aquele contador de histórias. Fiz o convite, ele piscou de volta.

À medida que nossos encontros aconteciam, cercada pela generosidade dele e de sua mulher, a casa e os baús abertos, entre cafés, chás e biscoitos, fui conhecendo um homem que ultrapassa e transcende o contador de histórias. Um homem cuja história pessoal serve de inspiração a muitas outras, com uma vida profissional e pública cheia de realizações, reconhecido, admirado, homenageado, querido. Uma vida que vale a pena ser contada. Uma vida ainda no presente. Confesso: fiquei intimidada. Árdua missão. Mas, lendo e relendo a história desse homem, passei a haurir coragem de sua têmpera. Aqui está. Foi feita com a matéria da existência, suor e prazer. E, é bom dizer, este é apenas um caminho.

Sumário

PARTE I

21 Pronome reflexivo

27 Cidadão de dois rios

28 Eu não tinha esse sonho

29 Boas notícias

33 Há muito tempo, na época dos avós de nossos avós

36 Vô, conta outra vez

38 Era uma vez

42 O que quero? De que preciso? O que desejo?

46 Passagem

PARTE II

49 O Rio do recomeço

53 Na boca da cena

56 É proibido proibir

PARTE III

63 Idas e vindas

70 O Proler faz história e inaugura o contador

75 Ensinando a contar

77 De como um homem vira rua

80 Nova experiência

82 Imortal

PARTE IV

85 No presente

87 Da contação para a escritura

95 Do contador para o mediador

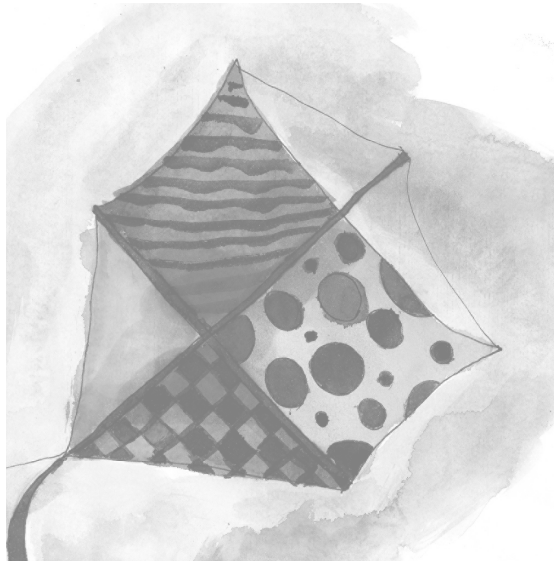
PARTE V

106 Outra forma de contar

119 Posfácio

121 Agradecimentos

PARTE I





"Francisco Gregório da Silva Filho,
disse minha mãe quando eu nasci.

Eu, primeiro Filho. Cabe a mim construir uma história como sujeito em Francisco. Diariamente me construo sujeito da história desse Francisco de nome, desse Gregório de referência familiar, desse da Silva do repertório comunitário e do Filho dos acervos pessoais de meu pai e de minha mãe."

(Lembranças Amorosas, 1997)

Pronome reflexivo

O contar, contar-se, é um ato de palavras; são elas, as palavras, a matéria-prima de que somos feitos na tessitura do nosso fazer e nos fazer no mundo. Walter Benjamin, no ensaio sobre Nicolau Lescov, já observava a pobreza de experiências que caracteriza nosso mundo. Para ele, nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara; muita coisa passa por nós sem que nos façam marcas, sem que produzam memória. O excesso de informação, a falta de tempo e o excesso de trabalho impedem que aconteça o tempo da experiência existencial, que deve preceder a narração, pois

> A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar: parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (Larrosa, 2003)

Então, se a experiência é aquilo que me acontece, o pronome reflexivo me revela que a experiência é um

fenômeno que acontece quando a ação é praticada pelo sujeito sobre si mesmo. É o percurso, o que está entre o que acontece e o que me acontece. Podemos dizer assim que somente o sujeito da experiência é receptivo, disponível, está aberto à sua própria transformação, e vai respondendo aos acontecimentos ao longo da vida e dando sentido a esse acontecer.

É dessa natureza, imergindo em si para narrar-se, a voz de Francisco Gregório Filho.

> Somos aquilo que vamos adquirindo ao longo da vida. Os primeiros jogos, as brincadeiras, as cantigas, os contos vão imprimindo em nós um pouco daquilo que vamos ser quando adultos. Não somos passivos às experiências e, a cada uma aprendida, incorporamos informações, transformamos, acrescentamos parte de nossa própria "herança" e vamos construindo nosso jeito de nos olhar e de olhar o mundo. Produzindo saber, saberes, comprometidos com nossa época e lugar. (Gregório Filho, 2008)

Há ainda um segundo movimento quando falamos "sobre o que nos acontece, escutar os outros, cultivar a arte do encontro"; o pronome reflexivo se torna recíproco, há uma ação de troca, a experiência se torna mútua. Benjamin nos diz: "A experiência propicia ao narrador a matéria narrada, quer esta experiência seja própria ou relatada. E, por sua vez, transforma-se na experiência daqueles que ouvem a história.".

> Não só falando ou contando histórias, mas ouvindo o outro contar também suas histórias, ouvindo a voz do outro, o homem partilha suas impressões sobre a vida e discute as questões que ocorrem na vida. (Gregório Filho, 2008)

O repertório de Gregório nos fala de suas experiências no mundo, de sua vida vivida – matéria-prima formadora das histórias –, a partir dos significados que ele atribui ao que lhe acontece, um significado particular, subjetivo, contingente e pessoal. Essa é uma operação de criação, pois o ato de rememorar é também o ato de criar, engendrando lembranças, imagens, leituras, percorrendo um caminho mnemônico, articulando memória e imaginação, trazendo para o presente, ressignificando-o.

> As narrativas, cada uma em seu gênero, instigam nossa imaginação, provocam nossos desejos, nos colocam de frente para nós mesmos e para o outro. Cumprem importante papel em nossa vida, uma vez que nos são apresentadas num tempo determinado e têm começo, meio e fim, o que nos permite observá-las por inteiro, compreender as informações que trazem e analisá-las à luz de nossa própria experiência. (Gregório Filho, 2003)

Trabalhar com a memória implica o conhecimento de que a memória é difusa, não tem contorno preciso e seus caminhos têm caprichos que escapam ao comando. Gregório tem consciência desses atributos, trabalha com seu avesso, o esquecimento; amplifica as possibilidades. Arrisca-se. Comete imprudências. Também é um ser em aprendizagem. Não se intimida. Expõe-se. Transforma, metamorfoseia.

> Com o olhar crítico e a percepção aguçada para a diversidade cultural dos contextos visitados e com a compreensão da presença do outro-diferente e seus saberes é possível escolher o que se quer guardar, lembrar e/ou esquecer. E ainda como se quer ser, ler, fazer, conviver, aprender, partilhar e amar. (Gregório Filho, 2008)

Um homem plural

A vida de Gregório Filho nos oferece quatro caminhos: o teatrólogo, o homem público, o mediador de leitura e o escritor. Ou todos podem convergir em um? Sua trajetória profissional é pautada essencialmente pela atuação no meio cultural, um trabalho intenso em prol de uma política cultural pública, de formação de leitores, de espaços de cidadania. Segundo ele:

> O contar histórias é prática que nos remete a mecanismos tradicionais de transmissão de conhecimento. Oferece a possibilidade da troca de vivências e saberes de forma lúdica, transformando num jogo o que, na verdade, constitui aprendizado.
>
> As histórias ouvidas vão formando nossos acervos e ajudando a construir nossa autonomia. Com elas e a partir delas, vamos mediando a realidade, produzindo ideias e exercitando nossa crítica sobre o que vemos e ouvimos, conferindo nossa relação com a natureza, as diferentes culturas, os bens materiais e imateriais e os outros seres vivos.
>
> O escritor que sou não é mais do que isso, é o contador de histórias que escreve as histórias.

Gregório, ainda que não fuja do registro biográfico, se apodera da memória dos avoengos e inventa para si outra voz (avô + avó = avós = a voz), a voz da autoridade de quem sabe pela vida vivida, pela experiência, a que aconselha, a que fornece conhecimentos práticos. O livro "Guardados do Coração – Memorial para Contadores de Histórias" é todo composto com essa voz cálida e ancestral, cheia de ensinamentos. O que permanece como lacuna, ele inventa e ressignifica.

Este livro está composto de cinco partes. A primeira pretende dar conta da infância e adolescência em Rio Branco. A segunda trata da mudança para o Rio de Janeiro, suas primeiras experiências, sua formação profissional. As incursões na vida cultural, as realizações, um caminho que se inaugura, são os temas da terceira parte. O amadurecimento profissional é o assunto da quinta parte. Por fim, um caderno com imagens colhidas, sobretudo, do acervo pessoal, nos conta a história de outra forma. O livro é entremeado pela fala do Gregório, em entrevistas e recortes de seus livros, e por depoimentos de pessoas que com ele conviveram. As experiências vão se acumulando. Com Gregório, chega o tempo de se falar aos homens.

Cidadão de dois rios

Francisco Gregório da Silva Filho nasceu no dia 30 de março de 1949, numa casa de madeira, no bairro da Capoeira, Rio Branco, Acre, Brasil.

Na adolescência mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro, onde vive atualmente.

Quatro mil e sete quilômetros quadrados separam as duas capitais. Entre elas, indo e vindo, Francisco Gregório Filho construiu sua vida, sua identidade, sua história.

Tenho um sonho, um desejo de escrever sobre isso.

Rio Branco, no meu imaginário, tinha esse nome por causa do branco do látex da borracha, o leite da seringueira que se misturava à terra dos barrancos, tingindo as águas do rio Acre.

E o Rio de Janeiro era o rio do recomeço. Janeiro, o que começa o ano. O Rio que começa.

Eu não tinha esse sonho

O mundo está em ebulição. A ordem política mundial é a Guerra Fria, a bipolarização capitalismo vs. comunismo. A juventude se revolta e contesta tudo o que está estabelecido social e politicamente. Há um sentimento de inadaptação que se mistura com a busca por novas formas de ação. Os anos rebeldes ressoam.

Do extremo oeste da Região Norte do Brasil, um bimotor Catalina da Força Aérea Brasileira decola de Rio Branco em direção ao Rio de Janeiro. A viagem dura três dias, com duas paradas: Vilhena e São Paulo. É a primeira viagem interestadual de Francisco Gregório da Silva Filho, 18 anos.

Francisco vai deixando para trás os bairros da Capoeira, da Cerâmica, o Centro, a gameleira, o rio Acre, Rio Branco, o Acre, amigos, namorada, uma vida estudantil.

Eu não tinha esse sonho de vir para uma grande metrópole. Eu queria ficar no Acre. Vim a contragosto.

Entre Rio Branco e Rio de Janeiro, nessa nova viagem que faz pelo ato de contar e se contar, Gregório vai tecendo e entretecendo pedaços de tempo perdidos, compondo uma outra história, a sua história.

Boas notícias

Numa casa de madeira no bairro da Capoeira, em Rio Branco, capital do Acre, nasce, no dia 30 de março de 1949, o primeiro dos sete filhos de Francisco Gregório da Silva, funcionário público federal do extinto Correio Aéreo Nacional, e de Heliete Daniel da Silva, professora primária. Pode-se dizer que nenhuma outra criança é esperada com tanta alegria pelos pais quanto o primogênito. Essa criança, a primeira a vir, é aguardada com ansiedade e sua entrada no mundo é saudada com reverência.

Todos em torno de mim em meus primeiros dias de vida fora da barriga de minha mãe... Neném, meu primeiro apelido. Até hoje chamado por toda a família. Neném de casa, de família, de querido e de carinho.

Na Capoeira, Chico vive até os quatro anos, quando a família se muda para o bairro da Cerâmica, para uma casa que o pai construiu.

Braick era o cachorro da família. O menino teve também uma vaca, chamada Mansinha, vaca malhada. O irmão tinha a Azeitona. Elas proviam o leite da família. Durante o dia, ficavam num campinho perto da casa, e à noite eram recolhidas para o quintal da casa. Aquela é do Neném.

À medida que Chico cresce, também cresce a família.

Nascemos oito, mas ficamos sete, cinco meninos e duas meninas: Francisco, Eurenice Maria, Euricleia (falecida ainda criança), Maria das Dores, Jorge Donato (falecido em março de 2012), José Augusto, Euvaldo Jorge, Ronaldo Guilherme. Só Francisco herdou o sobrenome Gregório. Houve uma época que minha mãe tinha um atrito com a família do meu pai e por isso não quis inserir o Gregório nos nomes dos irmãos.

Os pais trabalham fora, o senso de responsabilidade do primeiro filho aflora precocemente. Muitas vezes desenvolve uma atitude impositiva a fim de dar conta dos deveres. Essa atitude cuidadora, no caso do primogênito Francisco, veio revestida de brandura, de música e poesia.

Eu e minha irmã cuidávamos dos irmãos. Na verdade, era um cuidando do outro. Eu cuidava no fazer, preparar o mingau, dar comida, providenciar a água do banho, estudar com eles; era a responsabilidade de filho mais velho de pais que trabalham. Outro dia um irmão recordou que eu cantava para eles dormirem, se aquietarem:

Camaleão foi a uma festa,
de calça e paletó
Ê camaleão, ê camaleão.

O impulso da curiosidade no menino é grande. Sua alma sonhadora esculpe em sua personalidade uma vagareza nas respostas e pouca flexibilidade para as improvisações que os irmãos aprontam.

Eu era introvertido, recatado, envergonhado, muito tímido. Sou assim até hoje. Meus irmãos eram mais destemidos, me consideravam um patetão. Eu sempre caía nas brincadeiras, as peraltices deles me deixavam pateta, tanto que até hoje os filhos deles, meus sobrinhos, me chamam de tio patetão. Eu era mais voltado para ouvir música, fazer pipa, ler, jogar bola, bola de gude, peteca.

Que querem ver os olhos de Francisco? Que quer o menino escutar?



Há muito tempo, na época dos avós de nossos avós

Numa curva pronunciada do rio Acre, uma frondosa gameleira chamou a atenção dos exploradores que subiam o rio. Era final do século XIX, e os nordestinos, fugindo da seca e para atender à demanda das indústrias norte-americanas e europeias pela borracha, se apropriavam de enormes áreas da floresta amazônica para extrair a matéria-prima – o látex das seringas. Os nativos, os índios, ou eram assassinados ou morriam das doenças trazidas pelos novos habitantes; as índias eram raptadas para conviver com eles.

À sombra da gameleira, deram início a um seringal, que se tornaria vila e, bem mais tarde, município de Rio Branco, em homenagem ao Barão de Rio Branco, chanceler brasileiro.

Um tempo depois, como parte do acordo fechado por Getúlio Vargas para fornecer a borracha às forças aliadas durante a Segunda Guerra Mundial, os nordestinos eram obrigados a se alistar para trabalhar como seringueiros – os chamados "soldados da borracha". A maioria deles morreu de doenças, fome e miséria. Os sobreviventes, como não

tinham dinheiro para pagar a viagem de volta, se fixaram na região e reconstruíram suas vidas naquela terra.

Idalino Gregório foi um desses homens. Nordestino, descendente de holandeses, soldado da borracha e agricultor. Tinha uma pequena plantação. Com Maria teve um filho, Francisco Gregório. Maria era da tribo Kaxinawá, das margens do rio Jordão, bacia hidrográfica do Alto Juruá, criada nas aldeias até a puberdade e depois repassada a uma família portuguesa católica de Rio Branco.

No ensaio sobre Nicolau Lescov, publicado em 1936, Walter Benjamin associa o universo do narrador ao seu ofício. Para ele, há duas figuras matriciais de narradores: o "camponês sedentário" que, sem sair de seu país, conhecia suas histórias e tradições, e a do "marinheiro comerciante" que, por viajar, tinha muito que contar. O marinheiro comerciante e o velho habitante da terra são os fiéis depositários de histórias e tradições, e por isso são narradores privilegiados, capazes de transmitir e de ordenar, com suas narrativas, um mundo feito de experiências.

Pedro Daniel e Maria Daniel são pais de Heliete. Maria, professora primária. Pedro, comerciante. Tinha um barco e um armazém em Rio Branco. Negociava no barco, subindo e descendo o rio Acre, levando mantimentos para os ribeirinhos e trazendo o que eles produziam.

Idalino e Maria Gregório, e Pedro e Maria Daniel são avós de Francisco Gregório Filho. Os avoengos. À palavra avoengo Gregório confere, implícita, a ideia de semente. A semente da memória que, esquecida, precisa da terra da

imaginação para germinar novamente, para ser ativada, agora metamorfoseada em novos significados. E a maneira como o menino Francisco lida com os avoengos está ligada existencialmente às lembranças do homem que ele se tornou.

Um momento e os olhos de Francisco o levam para o passado. As imagens encontram um fundo na memória, se conectam com outras experiências e se tornam parte de uma vida. Como imaginamos a vida sem a capacidade da lembrança e do esquecimento?

Às vezes eu penso que sou parecido com meus avós. Do meu avô paterno herdei esse biotipo, ruivo, braços longos, mãos grandes, meio desengonçado; o que tenho de mais ajustado herdei do pai da minha mãe.

A gameleira – testemunha das tribos indígenas, dos movimentos de imigração, dos ciclos da borracha, dos combates travados entre as tropas bolivianas e os revolucionários acrianos que tornaram o Acre parte do Brasil – mais de um século depois, continua uma frondosa árvore e uma referência local, com mais de 2,5 m de diâmetro no tronco e 20 m de altura.

Vô, conta outra vez

O avô Pedro. Sempre lembrado por sua preocupação com a postura, sempre com a coluna aprumada na cadeira. Percebemos a mesma preocupação no Gregório contador de histórias.

Meu avô Pedro era solene. Celebrava as histórias. Magro, alto, careca, punha um paletó, uma gravata borboleta, o chapéu, sentava na cadeira de embalo que ficava na varanda de nossa casa, e corríamos para ouvi-lo contar histórias... Vô, conta aquela! E o vô contava. Ele sabia as histórias prediletas de cada neto. Ele era um pouco formal; lembro dele, no final, com uma bengala, não mancava, usava a bengala como um charme.

De acordo com Benjamin, vida e palavra têm uma relação direta com as formas do fazer, e organizam o sentido de vida de uma comunidade. Inserindo num mesmo movimento, narrador e ouvinte, as narrativas antigas criam um fluxo comum e vivo, sempre aberto a novas experiências e a um intercâmbio de papéis, o que transforma o relato num modo de "fazer junto". Os movimentos precisos do artesão, que respeita a matéria que transforma, têm uma relação profunda com a atividade narradora: já que esta também é, de certo modo, uma maneira de dar forma à

imensa matéria narrável, participando assim da ligação secular entre a mão e a voz, entre o gesto e a palavra.

Eu ouvia minha avó cantar e contar histórias. Ela contava trabalhando o corpo no espaço, o movimento e as palavras soltas. Contava conversando com os netos. Vovó queria mesmo era ter os netos por perto para conversar, contar histórias e nos ensinar a botar as mãos em função.

E ele aprendeu, vó Maria. Aprendeu, com os braços e dedos longos, a colocar as mãos sempre em movimento. Movimento para contar histórias, função para escrever sua história, ação para realizar coisas no mundo.

Saindo do ambiente familiar, Francisco vai ouvir as histórias dos vizinhos: seu José, chamado Zé Azul, leiteiro. Esse sabia histórias; contava fábulas de gente e de bichos. Gostava de pausas longas. Seu Salu, da vendinha, vendia mariolas, bananas, farinha, balas, fósforos, e contava lendas. Como vai, Seu Salu? Vou lengendando a vida, dizia sempre. Ouvi várias vezes Seu Salu legendar as histórias do uirapuru e da cobra grande. Ficava atento e de boca aberta. Fecha a boca, menino, que entra mosquito! Seu Salu, personagem vivo nas minhas memórias. Seu Pereira, vigia do mercado, contava histórias de assombração: Mula sem cabeça, Curupira, Saci Pererê. De arrepiar os cabelos. Tio Manezinho contava causos e histórias do diabo. Falava ligeiro. Eu perdia as palavras.

Era uma vez

Os seis anos chegam para o menino Francisco trazendo um grande momento: a ida para a escola. Agora é o professor quem vai mostrar ao menino como o mundo é feito, transmitir conceitos, incentivar ações. A escola, ou aquele modelo de escola, para Francisco, representa um tempo de conflito, de ressecamento de sua criatividade. Ele nunca conseguiu se adequar completamente às normas das escolas que frequentou. O mundo, ou esse espaço intermediário chamado escola, perdeu o poder iluminador, revolucionário, incentivador do futuro. Essa escola que Francisco conheceu poderia produzir consequências quase irreparáveis no contexto do desenvolvimento de sua personalidade, não fosse a força da semente, de suas mãos em função, de sua têmpera, de sua singular natureza criadora.

Chico faz o jardim na Escola Infantil Menino Jesus. O primário é cursado na Escola Primeiro de Maio. Já sabia ler, aprendera com minha mãe. Sabia matemática e desenho, aprendera com meu pai.

Mas isso não impede que o menino seja reprovado na primeira série.

Foi assim: minha professora contava uma história em que um menino entrava numa floresta e via uma árvore

– fazia o gestual de uma árvore pequena, formato árvore de Natal. Interrompi a professora para dizer que a árvore poderia ser diferente. Uma tipo mangueira: frondosa, cheia de galhos e folhas e aquelas mangas penduradas. A professora não gostou da interrupção e ordenou que eu ficasse quieto. Reiniciou a história, repetindo o mesmo gesto da árvore. Eu a interrompi novamente e perguntei se não poderia ser um cajueiro, com os galhos compridos, torcidos, folhas graúdas e frutos coloridos com castanhas nas pontas. Precisava ver minha professora. Ficou muito zangada. Parou de contar a história e disse muitas e boas para mim. Ali, na sala, na frente de todos. Disse que minha mãe não me dava educação. Que eu devia apanhar um pouco para aprender a respeitar os mais velhos e coisa e tal. Eu, que andava com a autoestima lá em cima, perdi o rebolado. Baixei a bola e não me encontrei mais naquele ano da primeira série da escola.

E enquanto o menino Francisco solta pipas no céu de Rio Branco e joga bola de gude, o Sputnik II coloca a cadela Laika na órbita da Terra, é inaugurado o primeiro canal de televisão da América Latina, a TV Tupi, e o Brasil se torna, pela primeira vez, campeão mundial de futebol. A Revolução Cubana coloca na presidência do país seu líder, Fidel Castro, Elizabeth II é coroada rainha da Inglaterra, Getúlio Vargas se suicida, Juscelino Kubitschek é eleito presidente do Brasil, e, na Argentina, um golpe militar depõe o presidente Juan Perón. Começa a guerra do Vietnã. O rock começa a se firmar como estilo musical, um jovem com estilo dançante, Elvis Presley, começa a fazer sucesso, os Beatles se firmam como banda, e no Brasil a bossa-nova começa a ser dedilhada nos violões de João Gilberto, Tom Jobim e Vinícius de Morais.

Francisco não é um grande leitor na infância. Não tínhamos condição de ter muitos livros em casa, e na escola não havia uma vida literária. Líamos os livros obrigatórios. Seu contato com as histórias acontece pelos avós, principalmente, pela oralidade.

O primeiro livro? "Contos da Carochinha", de Alberto Figueiredo Pimentel, publicado pela Editora Garnier, em 1894, primeiro livro dedicado à leitura de jovens.

Esse livro foi muito importante pra mim. Quando estava no Proler, tive oportunidade de produzir a festa de centenário do lançamento desse livro tão importante para a história da formação de jovens leitores no Brasil. A Casa da Moeda lançou uma moeda, os Correios lançaram um selo comemorativo do centenário do livro. A Editora Garnier continua publicando, era um volume e agora são três títulos: "Contos da Carochinha", "Histórias da Avozinha" e "Histórias da Baratinha". O autor era de Niterói, a família continua lá. Ele trabalhou na Biblioteca Nacional, reuniu esses contos populares e publicou. Foi o primeiro e definitivo livro, porque reuniu os contos que eu ouvia contados pelos meus avós e pelas pessoas da comunidade.

Mais tarde, quando na quarta série, a mãe retorna de um tratamento médico no Rio de Janeiro e leva para cada filho um presente. O de Francisco é um livro de contos do Aníbal Machado. Seu segundo livro. Passei o mês de férias com o livro debaixo do braço.

Francisco termina o primário e a família se muda para a Rua Quintino Bocaiúva, no Centro, próximo do Colégio Acreano e do Mercado Público.

Ali, entre aquelas jaqueiras, abacateiros e mangueiras que meu pai plantou, passei minha adolescência. Nos mudamos para o Rio de Janeiro e a casa foi vendida para a professora Olda. Fiquei muito triste ao passar por lá e ver que derrubaram as árvores abrindo espaço para a construção de um novo prédio. Elas alimentavam muitas lembranças guardadas com carinho.

O que quero? De que preciso? O que desejo?

Como Dona Baratinha, essas são as perguntas que o jovem Francisco se formula, nessa fase da vida, mesmo se dando conta de que não sabe as respostas. Seus olhos se dirigem ao mundo, cheios de expectativa. As modificações corporais exigem constantes adaptações, os membros alongam-se desajeitadamente. Há uma tensão constante entre os desejos e o ideal a ser alcançado. É também uma fase de muitas experiências: o cigarro, as meninas, o sexo, o teatro, o trabalho, a repressão.

O Colégio Acreano é escolhido para fazer o ginásio. No segundo ano, é novamente reprovado, agora em inglês. Minha mãe, irada com mais uma reprovação sem sentido, me tira e me coloca no Colégio Nossa Senhora das Dores, colégio católico de padres, particular. Ali faz novamente o segundo ano e o terceiro. No quarto ano ginasial retorna para o Colégio Acreano, à noite, porque foi trabalhar durante o dia. Quer aprender um ofício. Assistente de garçom, auxiliar para assuntos gerais, assistente de padeiro, atendente de lanchonete; algumas experiências boas, outras, nem tanto.

A casa da Rua Quintino era frequentada pelos vizinhos como a Maria do Ó, o doutor Lira, a professora Volitz, Wildy Viana, pai do Jorge Viana e do Tião Viana, senador e governador do Acre. O assunto ia das lendas indígenas a mitos seringueiros, contos tradicionais a relatos de vida.

O mundo não para de girar e Francisco ensimesma-se. Rio Branco torna-se capital do estado do Acre. Do espaço, Yuri Gagarin afirma que a Terra é azul. Enquanto o muro de Berlim é construído para separar as duas Alemanhas, Francisco procura uma linguagem para se expressar. Na África do Sul, ocorre o primeiro transplante de coração do mundo; o coração de Francisco é tomado pelos primeiros descompassos do amor. O que busca Francisco?

Eu era inquieto por espaço de expressão, fui muito humilhado na escola por causa desse meu lado contemplativo, esse gosto pelos livros, pela poesia, e havia um movimento na escola que era contrário às artes, diziam que poesia não dá sapato, que a poesia, as artes, não *davam* casa e comida, que ia morrer de fome, não vai namorar, não vai casar.

O colégio faz uma ameaça velada à poesia, porque considera que esse tipo de leitura distrai os jovens, retira a atenção do conteúdo das disciplinas. Francisco e seu grupo leem escondido. Olha a contradição. Queríamos falar à professora de nossas leituras... e ela queria que respondêssemos sobre os predicados, os advérbios e as preposições. O gosto pela leitura custa a Francisco vários apelidos, repreensões e três dias de suspensão. Para evitar mais problemas com a escola, o grupo resolve parar. Paramos com tudo e nos dedicamos somente à leitura dos livros obrigatórios. Lembra de algum? Nenhum.

A professora Dalva Miranda, que dava aula de artes, percebeu que eu era um aluno problemático e me convidou para participar de um grupo de teatro que ela estava começando a organizar. Nós exercitamos todos os aspectos de montagem de um espetáculo, cenografia, iluminação, encenação, interpretação. Foi uma brincadeira que eu tomei gosto. Estava encantado com a poesia e com teatro.

O apoio da professora Dalva é crucial neste momento de vida de Francisco. Nós líamos poemas de autores como Manoel Bandeira, Drummond, João Cabral de Mello Neto. A primeira vez que Francisco sobe num palco de teatro é uma brincadeira, ele ainda não tem consciência do que essa situação incomum significaria para a sua vida. É a arte que possibilita a Francisco entender as sutilezas do brincar e do ser. O teatro, a música, a leitura são espaços livres que possibilitam uma viagem sem limites nem censuras, onde as fantasias e desejos, quaisquer que sejam, sempre encontram lugar.

Tinha 14 anos quando encenamos nossa primeira peça sobre a Revolução Acreana, eu era o cearense que, lutando pelo Acre, se arrastava até a trincheira adversária para pedir ao soldado boliviano que tocasse sua gaita para alegrar a noite em meio à guerra.

A cena era mínima, mas executada com tanta dedicação que chama a atenção do embaixador Pascoal Carlos Magno, em visita ao Acre. Depois da apresentação ele me chamou e perguntou se gostava de teatro, disse que sim, então ele me aconselhou: leia, leia muito.

Nessa época, Luiz Cláudio de Castro era o secretário estadual de Educação e Hélio Coury diretor do Departamento de Cultura. Ele leva Orlando Miranda para o Acre para incentivar a produção teatral na capital. Orlando Miranda é empresário e produtor teatral, dono do teatro Princesa Isabel, no Rio, tem uma história bonita com o teatro. Orlando organiza diversos grupos de teatro em escolas. Aí veio a ditadura, cassou o Hélio e o Luiz Cláudio e acabou com tudo.

Se a escola não dá a Francisco o diálogo com a literatura, uma professora dá-lhe mais do que aulas de Francês; inaugura sua vida sexual. Depois, ela me deu um copo d'água, um beijo no rosto e me mandou embora... Deu uma vontade de rir. Ria sozinho. Ria à toa. Só ria.

O que você quer ser quando crescer? Um dia, um amigo, colega de turma, convidou-me para ir a sua casa. O pai dele era contador. Vendo a casa dele, tinha garagem, carro, varanda com poltronas, quadros na parede, tinha cerca, muro, era uma família organizada, família da classe média ascendente. Aí eu resolvi ser contador também, porque diziam que dava sapato.

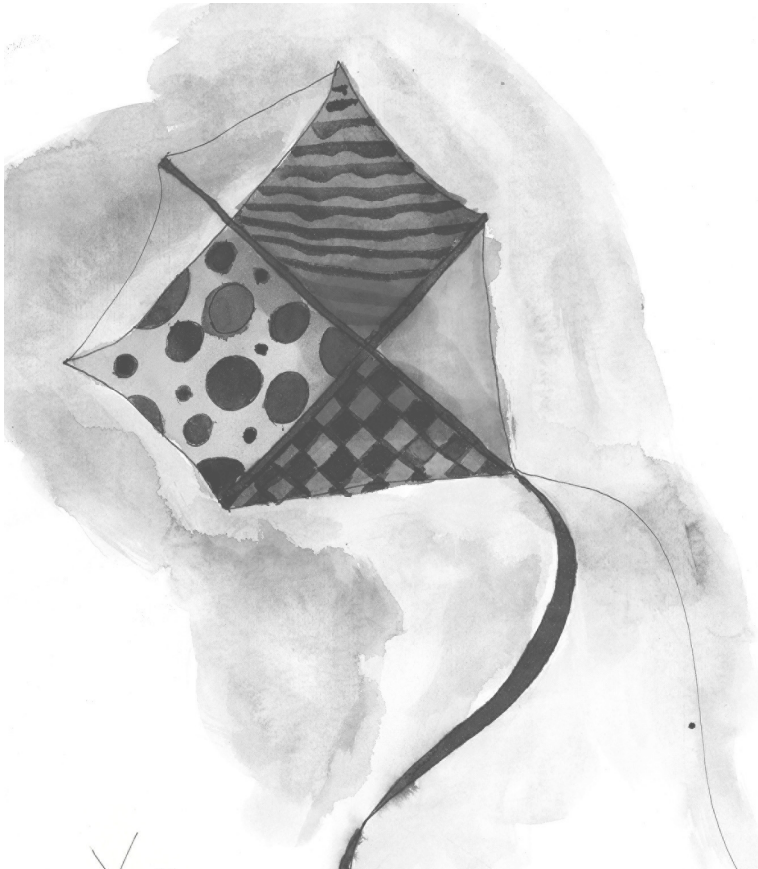
E vai o jovem Francisco fazer o curso secundário na Escola Técnica de Contabilidade do Acre. Éramos uma família de sete irmãos onde havia muita dificuldade, com isso aprendi a contar o que faltava. Estuda à noite e trabalha durante o dia. Vai estagiar num escritório de advocacia contábil e jurídica. Com os advogados, aprende que o ofício serve para burlar a lei. Sai.

Passagem

Houve um tempo em que meu pai trabalhava no palácio do Governo, com o primeiro governador eleito após a criação do estado, o professor de História José Augusto de Araújo. Nos primeiros dias do Regime Militar de 1964, um coronel fez a intervenção no estado e o professor teve o mandato cassado. Meu pai ficou marcado e voltou a trabalhar para o Correio Aéreo Nacional, na guarda territorial. Nesse tempo eu participava do movimento estudantil, fui até eleito secretário da Casa do Estudante do Acre. Juntando tudo, minha mãe percebeu que politicamente as coisas estavam se complicando e que seria melhor sair daquele ambiente. E como tinha gostado do Rio de Janeiro...

Minha mãe resolveu mudar com a família inteira. Primeiro vieram minha mãe e meus irmãos, meu pai em seguida; eu fui o último a chegar. Eu tive muita resistência em vir para o Rio. Eu queria ficar no Acre. Não tinha esse sonho de vir para uma grande metrópole. Vim a contragosto.

PARTE II



O Rio do recomeço

Rua Santa Cristina, 32, Glória, Rio de Janeiro. Da casa da Rua Quintino, em Rio Branco, cheia de árvores no quintal, Francisco mora agora em um apartamento pequeno, no nono andar de um prédio de 12, com quatro apartamentos cada um. Não há silêncio. Há mutismo.

Enquanto no mundo tem início a guerra do Vietnã, o líder negro e Prêmio Nobel da Paz Martin Luther King é assassinado, no Rio morre o poeta Manuel Bandeira, o AI-5 é sancionado pelo presidente Costa e Silva, fechando o Congresso Nacional e gerando caos no país.

Com os pais e meia dúzia de irmãos, Francisco vive sem conhecidos nem amigos, sem referências afetivas com a cidade. O jovem sente um profundo desamparo. E num tempo em que os jovens do mundo pregam a paz e o amor livre, e fazem festivais de música, Francisco precisa recuperar sua autonomia, anseia por espaço, espaço físico, afetivo, profissional.

Comecei a tomar pé pra andar pela cidade por alguns roteiros: descia a Rua Cristina e ia até o Largo do Machado, no cinema, e voltava andando. Fui descobrindo o Catete, Flamengo, fui encontrando alguns colegas do Acre que estavam morando aqui, fui fazendo amizade com os vizinhos da rua.

Outro roteiro: descia pela Benjamin Constant até a Cinelândia. Eu ia ao Banco do Brasil fazer pagamentos na Treze de Maio; e lá eu descobri, num dos prédios no subsolo, uma biblioteca pública, Castro Alves, que depois saiu de lá. E eu comecei a me aproximar, entrei, mas não sabia ser usuário de biblioteca e as pessoas não ajudam. Peguei dois livros, era uma estante de literatura russa e eu peguei Gorki e Dostoiévski, "Crime e Castigo". Li em casa, foi um soco no meu estômago; voltei pra entregar, renovei, não queria largar os livros. Depois eu peguei "Irmãos Karamazov", do mesmo Dostoiévski; foram leituras de impacto.

Francisco transferiu seu curso de Contabilidade para a Escola Estadual Novo México. Estuda e explora a cidade. Mas continua procurando. Ele ainda não sabia bem o que, mas o terceiro roteiro que ele segue pela cidade desenhará sua vida para sempre.

Descendo o largo da Glória, atravessava a praça, ia para o caminho do Aterro, na Marina da Glória, e seguia para a esquerda, passava o monumento dos Pracinhas e eis o Museu de Arte Moderna, o MAM. Aí foi um alumbramento, um deslumbramento. Foi uma descoberta, foi bom demais. Eu não tinha muito que fazer, apartamento pequeno, cheio de gente, eu tinha que conquistar autonomia; também não tinha dinheiro, era uma luta da minha mãe pra conquistar escola pública pra todo mundo, naquela época era difícil conseguir vaga em escola pública. Comecei a frequentar a cinemateca, era de graça, tinha os debates, fazia as oficinas de poesia, de teatro, de artes plásticas. As pessoas dali, ao contrário do que sentia na escola, me chamavam, convidavam, diziam "vem pra cá", era um espaço livre para a boa convivência, era

uma nova rede que estava se formando. E eu me sentia bem-vindo, lá eu descobri esse sentido de pertencimento, uma *pertencença* a uma comunidade, à cidade. Eu queria ficar o dia inteiro no MAM. Foi numa barraca de frutas na esquina da Benjamim Constant que eu descobri a pera. Então eu comprava uma pera e passava o dia todo no MAM só com aquela pera. Às vezes era um sacrifício voltar pra casa tarde, tomar banho e dormir, para acordar cedo para ir pra escola de contabilidade. O MAM foi a minha salvação.

Reprovado em Matemática pela professora Vera Werneck, Francisco, mais uma vez, tem que mudar de escola. Vai para uma escola particular na Rua Voluntários da Pátria, Escola Técnica de Comércio, hoje extinta, no prédio que hoje é da Fundação para a Infância e Adolescência (FIA), e lá se forma.

Durante os três últimos anos da década de 1970, Francisco tem picos de febres e calafrios. Até que fui internado no pavilhão Carlos Chagas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e uma médica de doenças tropicais fez o diagnóstico: arbovírus. Ela me curou.

No MAM, Francisco encontra seu caminho, o Teatro. Nessa época, existe no Museu um cursinho de preparação para o vestibular de Artes Cênicas na antiga Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro (Fefierj), hoje Centro de Artes da Unirio. Naquela época era uma escola técnica, mas os procedimentos eram os mesmos do vestibular. Além das provas habituais, havia uma prova de aptidão para o ofício. Tinha uma professora acriana de Xapuri, Nazaré Pereira, que hoje é cantora em Paris com

o nome de Neis Nazaré, que me preparou. Foi uma sorte tamanha que eu acolhi. Fui fazer o que gostava.

A cena é um trecho do "Auto da Compadecida", de Ariano Suassuna. Francisco faz o papel de Chico e outro jovem de João Grilo. A banca é composta por Bárbara Heliodora, que pediu pra eu ler o texto do porteiro do "Macbeth" de Shakespeare; e Maria Clara Machado, professora de Improvisação. Foi ela que pediu para eu fazer um girassol em três estações, eu nunca tinha visto um girassol, não sabia o que era um girassol; na hora, eu lembro, fiz uma associação: girassol, gira com o sol; ainda não sabia que havia variantes; e eu comecei a rodar no palco; mas era tão vazio, que parei e disse que não sabia o que era um girassol, que eu era do Acre e lá não existia girassol, que eu nunca tinha lido nenhum girassol, que estava fingindo, não era verdadeiro; joguei a toalha mesmo. Maria Clara ficou encantada e disse que eu merecia uma oportunidade e me pediu pra atravessar um túnel pisando em areia, asfalto e pedra. Eu fiz. Tinha passado uma vez pelo Túnel Novo, lá é asfalto, mas eu imaginei aquele túnel com diferentes pisos. Não devo ter convencido, ela foi muito generosa.

Na boca de cena

Francisco inicia o curso de Artes Cênicas na antiga Escola de Teatro da Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro (Fefierj), em 1972; sai formado em 1975, sem qualquer reprovação. Tinha um grupo de professores que ainda hoje está "pelos palcos": Maria Clara Machado, Bárbara Heliodora, Nelly Laport, professora de expressão corporal; Glorinha Beuttenmüller, professora de expressão vocal; mímica com Luis de Lima, interpretação com Roberto de Cleto, Amir Haddad, Fernando Borel, Orlando Macedo, cenografia com Pernambuco de Oliveira, direção com B. de Paiva. E ainda tive uma madrinha, Glauce Rocha, que me viu sentado, esperando o ensaio, com ar de abandono, magro, com fome, à noite, com cabelo grande.

Francisco encontra seu caminho. O teatro lhe preenche o tempo e a alma. Desabrocha. A escola de teatro me fez muito bem. Durante o curso, um grupo de alunos cria o Grupo Ensaio de Teatro. Com esse grupo montam diversos espetáculos de teatro infantil e adulto.

Montei, dirigi e atuei em um musical da fábula chamada "A cigarra e a formiga", um texto escrito por Mário Paris, que era um cantor de ópera, no Teatro Municipal. Ele escreveu o texto e as músicas e eu dirigia e atuava, ganhei até



uma crítica favorável da Ana Maria Machado, que na época era crítica de teatro infantil no Jornal do Brasil, e ela fez uma crítica elogiosa ao espetáculo e à equipe.

Depois montamos um texto do Marcílio Moraes, que hoje é novelista, dramaturgo, escreve novelas pra televisão. Ele escreveu um texto e ganhou até um prêmio, "Nomu, a vaca metafísica"; depois escreveu "Como engordar um porco chauvinista, ou só engorda quem negocia". A Polícia Federal proibiu uns pedaços do texto previamente e no dia do espetáculo, na estreia, no Teatro Tereza Rachel, proibiu a peça na íntegra. O grupo inteiro pronto pra estrear. Eu era diretor, atuava como ator. Aí o Marcílio convidou o grupo pra montarmos um trabalho em cima daquela situação, daquela circunstância. Com as improvisações ele foi escrevendo "O ator cara de bolacha versus Mimi flaflu". Nós éramos 11 pessoas e estreamos no Tereza Rachel, Copacabana, em 75. Ficamos uma temporada lá, depois, no Opinião, fizemos o circuito universitário, apresentamos em algumas cidades, Teatro de Letras Gil Vicente, da UFRJ. Enfim, fizemos uma temporada boa no Rio.

Ainda estudante de Artes Cênicas, Francisco e seu grupo são convidados pelo professor Elias Mansour Simão Filho para se apresentar durante os festejos de aniversário do Clube Juventus, em Rio Branco. Encenam no Juventus e no Cine Rio Branco a peça "Aquele que diz sim, aquele que diz não", de Berthold Brecht, e um show musical intitulado "Em torno da palavra homem", uma coletânea de poetas brasileiros.

É proibido proibir

De início, a família não reage muito bem, pois as dificuldades são muitas com sete filhos em idade escolar. A luta não é fácil. Não há meios para sustentar isso. Minha mãe era mais sensível, ela gostava de cantar, tomar cerveja, tocava violão; meu pai, de início, opôs-se, mas disse que não importava o que fizesse desde que encontrasse a sustentabilidade. E eu tinha que conseguir, mesmo porque não havia outro jeito.

Então, não é de todo inútil a Contabilidade. Já formado, torna-se pesquisador de mercado e supervisor. Trabalha na Thompson & Thompson, Instituto de Pesquisa, Opinião e Mercado (Ipom), Fortuna. O diploma dá ao jovem Francisco condições financeiras para seguir adiante com o que lhe preenche o coração, o teatro. Ganhava por pesquisa, dava pra sobreviver, estudar, namorar. Os horários eram flexíveis, ganhava um dinheirinho, dava pra fazer a escola e ainda ajudar a manter o grupo. Nós ensaiávamos até de madrugada. Eu estava encantado com a dramaturgia.

A leitura dos russos e da dramaturgia reconcilia Francisco com a literatura.

A primeira leitura de dramaturgia me transformou – "Antígona", de Sófocles, na tradução do Millôr Fernandes.

Li também a "Antígona" de Eurípedes mas não gostei. A ideia da mulher que combate a autoridade, a arbitrariedade, me arrebatou. Depois, me encantaram dois dramaturgos espanhóis, do início da Renascença, Calderón de la Barca, com o "El gran teatro del mundo", no qual eu fazia o papel principal da peça; o outro foi Lope de Veja, com "Fuenteovejuna". Por influência de Bárbara Heliodora, fui ler Shakespeare, Yan Michalski, e cheguei à dramaturgia brasileira, Nelson Rodrigues. Bárbara e Ian pediram para eu ler "A Falecida" e fiz um trabalho sobre isso. Foi assim que eu passei a ter intimidade com a literatura novamente. Os russos e a dramaturgia.

Gregório, como era chamado na Fefierj, já demonstrava, na época, um diferencial. Era um "ator" diferente, não, acho que já era um contador de histórias. Fizemos alguns trabalhos juntos, na época.

Em dezembro de 74, participamos do Poemação, no MAM, espetáculo dirigido pela Maria de Nazaré Pereira, hoje na França.

Fomos a Londrina, no Festival de Teatro com o espetáculo "A cigarra e a formiga", direção e produção do Gregório.

Sempre amigos, em época de Inacen, Fundacen, sempre passava por lá para conversar com esse amigo que muitas vezes me orientou e sempre me deu força. Lembro que, um dia, eu estava muito apreensiva por falta de trabalho e ele disse: Você não quer me ajudar a

fazer a produção de um espetáculo? Eu nunca tinha produzido, a não ser nos grupos de que participei. Mas ele não só me incentivou, como me contratou como assistente de produção. E aí trabalhei em vários espetáculos:

- *Ato Cultural, com Edwin Luisi, Ângela Vieira, Andreia Dantas, Chico Tenreiro, na primeira montagem, apresentado no BNDES e no Teatro Cândido Mendes, e na segunda montagem, no Sesc Tijuca;*

- *Ária de Serviço, texto de Victor Giudice, com Bete Mendes, direção de Marco Antonio Braz, produção do Gregório, no CCBB;*

- *Ler e Contar - Grupo Morandubetá, direção e produção de Gregório, no CCBB.*

E eu agradeço muito, pois, a partir daí, Produção de Teatro passou a ser uma profissão em que tenho trabalhado e muito. Estudei, fiz cursos e hoje tenho uma empresa de Produções Artísticas.

Acho que, em 1995, fiz minha primeira Oficina de Contação de Histórias, com Francisco Gregório Filho. Já começava eu a me interessar, durante os ensaios do Ler e Contar. Eu, atriz, me descobri contadora de histórias e acho que fiz umas cinco oficinas com Gregório e seus convidados, na Casa de Leitura e no Paço Imperial. E sugeri a muitas pessoas que o procurassem e aprendessem com ele, e muitos estão por aí.

Fui trabalhar no Senac como coordenadora de eventos. Produzi alguns eventos e então pude convidar Gregório para estar conosco; e realizamos uma exposição: Pipas que Contam Histórias, na Casa de Cultura Elbe de Hollanda (Ilha do Governador).

Trabalhando no Lugar Comum - Arte e Cultura, criamos o projeto Contos e En-Cantos Populares, e convidei Gregório, Fernando Lébeis, entre outros.

A lida da vida fez um afastamento temporário, mas adorei ser convidada para participar da conversa na livraria Arlequim. [Lançamento do livro "Ler e contar, contar e ler", de Gregório]

Então, Armindha Freire, hoje, pode dizer: Sou atriz e, a partir de estímulos de Gregório, também produtora cultural e contadora de histórias, que vai por aí contando e levando as histórias a vários lugares.

Armindha Maria Freire Amorim

PARTE III



Idas e vindas

Rio Branco

Terminada a escola de Artes Cênicas, em 1975, Francisco volta a Rio Branco em 1976 com seu grupo de teatro para encenar a peça "ZYH19 apresenta mensagens e melodias", proibida pela Polícia Federal. O Lhé (Abrahim Farad, amigo e militante), nos acompanhou até o bispo Dom Moacir, a quem fomos pedir socorro; ele conseguiu que a peça fosse apresentada no Colégio Acreano e ainda compareceu para garantir que não fosse interrompida.

Contando com o patrocínio de comerciantes locais, faz dois programas nas rádios Difusora e Andirá. Gostava muito de ouvir rádio; desde criança aprendera a ouvir os programas que seu pai e sua mãe apreciavam. Seu trabalho chama a atenção do então governador Geraldo Mesquita, que o convida para ser Diretor de Assuntos Culturais (DAC) da Secretaria Estadual de Educação. O departamento não existia, tivemos de criar tudo, ali começou a surgir o núcleo que daria origem à Fundação Cultural, hoje Fundação Elias Mansour. O departamento foi montado com a assessoria da Universidade de Campinas (Unicamp).

O DAC funcionava ali onde é hoje a TV Aldeia, trabalhei nele de 76 a 79, éramos militantes do movimento artístico e cultural acriano. Época do jornal "O Varadouro", Sesc, cineclube, programas de rádio e grupos de teatro. A igreja, com suas comunidades eclesiais de base, organizadas pelos freis Beto e Leonardo Boff, apoiadas por Dom Moacir, era o celeiro para as artes e a militância política engajada no debate das questões sociais e contra a repressão militar.

Ele recorda algumas situações vividas na época pelos militantes de movimentos culturais e políticos:

Uma vez a gente ia para uma reunião na casa do jornalista Élson Martins, mas fomos parados no caminho por dois carros da Polícia Federal, eles mandaram a gente tirar a roupa, tiramos e ficamos de cuecas, mandaram tirar também as cuecas. Chegamos nus à casa do Élson. Ele era correspondente do jornal O Estado de São Paulo e com Dom Moacir nos protegiam como podiam. Até o governador Geraldo Mesquita ajudava.

O ano de 1978 reserva outra grande experiência para Francisco Gregório Filho. Nasce seu único filho, Francisco Gregório da Silva Neto, o Kiko, e ele se casa com Lucia Braga. O casamento foi feito por procuração, eu estava trabalhando no Acre e fui representado por um irmão.

Nesse mesmo ano, acompanhando o governador Gerado Mesquita em visita a Feijó, um município do estado, é surpreendido com sua popularidade entre os que lá ouviam a Difusora, e nesse momento o governador

decide nomeá-lo diretor geral da rádio. Virei atração nesse dia, nas poucas horas que estive lá, até padrinho eu fui.

Em Rio Branco, já diretor da rádio, decide mudar a programação que era composta em sua maior parte por músicas estrangeiras. Dispensei o discotecário, levei para a rádio minha discoteca particular e convidei a comunidade a participar da organização da programação. Doutor Araken selecionava músicas eruditas, Chio Pop cuidava das músicas de vanguarda, Felipe Jardim cuidava da música experimental e assim ia.

Nessa época apresenta o programa Perfil Contemporâneo, na rádio Difusora; o programa Movimento Experiência, na rádio Andirá; participa da criação do cineclube Aquiry, é seu primeiro diretor de programação.

Aquela foi uma época muito produtiva porque pudemos desenvolver o espírito democrático da cultura, onde não importava o vínculo partidário, ideológico, raça ou religião de quem quer que fosse. Havia um debate coletivo das propostas e as deliberações eram tornadas realidade. Foi naquele momento que surgiu a consciência de que o Acre também é Brasil, mas que não pode ficar olhando só para o próprio umbigo. É preciso visitar outros lugares, ver e conhecer coisas, trazer artistas para formar um público e nossos próprios atores e cantores.

Nessa época surgem nomes como Wilson Pinheiro, Chico Mendes, Marina Silva e tantos outros,

inclusive o vice-governador Binho, que militava no Centro dos Trabalhadores da Amazônia (CTA).

Rio de Janeiro

Em 1979, Gregório retorna para o Rio de Janeiro e passa a integrar a equipe da Coordenadoria de Assuntos Artísticos do Ministério da Educação e Cultura, onde fica até 1981. Da secretaria vai para o Instituto Nacional de Artes Cênicas (Inacen), onde assume a Coordenação de Teatro Amador e aí permanece até 1987. Nessa condição, e como técnico do projeto de interação entre educação básica e diferentes contextos culturais existentes no país, vai ao Acre para firmar com Chico Mendes (seringueiro, sindicalista e ativista ambiental) e Mary Alegretti (antropóloga e ativista na luta dos seringueiros) o primeiro Projeto Seringueiro, que funcionava nas escolas dos seringais, por meio do Centro dos Trabalhadores da Amazônia (CTA).

O Brasil é tomado pela campanha das Diretas Já: "1, 2, 3, 4, 5 mil, queremos eleger o presidente do Brasil" e promulga sua sétima Constituição. Na Alemanha, cai o muro de Berlim, marcando o fim da Guerra Fria. No Rio de Janeiro, Gregório vive a separação de seu casamento. Nessa mesma época é internado no Hospital da Beneficência Portuguesa, e uma médica, a Dra. Rita Veríssimo, faz o diagnóstico: doença de Crohn, uma doença inflamatória intestinal. Fiquei internado por dois meses, foi um período bem difícil.

Gregório me convidou para dar oficinas de técnicas teatrais a serviço da divulgação da leitura. Nascia um trabalho que deveria ser inesquecível pelos frutos que causava de imediato: o Proler. Lá, depois de mais de trinta anos de carreira como atriz, descobri o prazer de contar histórias. Devo isso a esse homem doce, de longas barbas e voz quentinha e macia. Obrigada, Gregório.

Maria Pompeu

Rio Branco

Em 1987, é indicado pelo movimento artístico acriano a assumir a Fundação de Cultura, Desporto e Recursos Humanos, cargo em que permanece até 1990. São dessa época a restauração da Tentamen e do Cine Teatro Recreio, a inauguração do Teatro Plácido de Castro e a criação da Casa do Seringueiro, um espaço com exposições, ambiente para projeção de vídeos e uma casa feita de paxiúba com todos os apetrechos da lida diária de um seringueiro; além disso, foi criado um programa de pesquisa sobre a cultura dos seringais. Na rádio Difusora, tem um programa chamado Aboio – Canto de Reunir. Eu estava no Acre emprestado, aí o Collor baixou um decreto que todos os funcionários deveriam retornar aos seus lugares de origem.

Rio de Janeiro

Em 1990, volta ao Rio de Janeiro para coordenar a área de teatro do Instituto Brasileiro de Arte e Cultura (Ibac), do Ministério da Cultura, onde fica até 1991. No final desse ano, a convite da Fundação Biblioteca Nacional, passa a integrar a equipe que criou o Programa de Incentivo à Leitura (Proler).

E enquanto o Congresso Nacional aprova o *impeachment* do presidente Fernando Collor e o vice, Itamar Franco, assume, o Plano Real faz o país conhecer uma fase de estabilidade e crescimento econômico, no Rio acontece um encontro mundial sobre meio ambiente, a Rio-92, a Alemanha é reunificada, é descoberto o buraco negro, e Gregório e Lucia Yunes passam a viver juntos.

> *O que me lembra Gregório: afetuosidade, simplicidade, autenticidade.*
>
> *Tudo isso escondido atrás de uma imensa barba. De uma sabedoria que se expressa nas ações, nas palavras e nos silêncios que me ensinou a recuperar.*
>
> *Com ele aprendi a olhar, ver e ouvir com cuidado, perceber o entorno, a vida que se apresenta a cada instante, ter um respeito atencioso a tudo e a todos.*
>
> *Nas viagens por esse Brasil, presenciei sua fala dirigida ao porteiro do hotel, ao dono da banca de revista, ao motorista que nos conduzia, aos que nos*

atendiam direta e indiretamente.

Como profissional, ajudou-me a aprimorar a contação de histórias, dando toques importantes para facilitar ao ouvinte a compreensão e visualização de todo o cenário, personagens, enfim, de toda a narrativa.

Na gerência do Proler, fui vendo ele aos poucos ocupar esse espaço com delicadeza, dando tempo ao tempo, no meio de tantas mulheres aflitas, agitadas, poderosas, sempre proporcionando um ambiente de harmonia e amorosidade.

E acompanhei sua trajetória como escritor, nascida do Gregório "maravilhoso ouvinte", repassando para nós leitores além de suas antigas memórias, o que ia resgatando em seu percurso de vida.

Hoje, em caminhos diferentes, uma falta constante ao meu lado, mas uma presente lembrança no dia após dia.

Marília Amaral

O Proler faz história e inaugura o contador

O Programa Nacional de Incentivo à Leitura (Proler) foi criado em maio de 1992, por Affonso Romano de Sant'Anna, presidente da Biblioteca Nacional, e por Eliana Yunes, sua mentora, e Francisco Gregório Filho, coordenador executivo. O objetivo principal era o incentivo à leitura, por meio da criação de uma rede nacional de unidades promotoras das práticas leitoras. Para isso era preciso desescolarizar a leitura, alcançar os estratos mais diversificados da população. Era preciso provocar uma ampliação da visão do sujeito, despertar o seu olhar para fazer uma leitura do mundo. Esse ponto do programa se aproximava da proposição pedagógica de Paulo Freire.

Foi um período bastante fecundo para Gregório em vários sentidos.

> A presença de Gregório foi fundamental para o Proler. Não somente por assumir com dedicação ímpar as desafiadoras atribuições, que não eram poucas, do cargo que se delineava, a fim de que Eliana pudesse estar mais livre para divulgar o programa e viabilizar parcerias em níveis nacionais e internacionais, mas também pela significativa colaboração que deu na construção metodológica do programa, tendo

> em vista a vasta experiência que possuía no território da dramaturgia. (Anais da Biblioteca Nacional, vol. 129/2009)

Era preciso um teto para abrigar o programa e possibilitar sua estruturação. Assim, a Casa da Leitura foi inaugurada em agosto de 1993, em Laranjeiras, Rio de Janeiro, tornando-se Gregório o seu coordenador. Entre as propostas pedagógicas desenvolvidas, a narrativa oral ocupava lugar de destaque, era preciso recuperar o contato com a oralidade. Para atingir esse objetivo, foi criado um projeto de formação de contadores de histórias. Era preciso espalhar a ideia para o Brasil, formar novos multiplicadores. Contadores de histórias viajavam por todo o país realizando oficinas e contando histórias em praças, hospitais, estações de transporte etc.

No Proler, trabalhávamos com escritores, teatrólogos, contadores de histórias, Bartolomeu Campos de Queirós, Amir Haddad, Fernando Lébeis. Depois veio uma geração nova, José Mauro Brandt, Augusto Pessôa. Foi aí que eu entrei para a área da leitura. Viajei muito, testemunhei experiências maravilhosas, aprendi com todos eles e foi então que me identifiquei como um contador de histórias. Entendi que ninguém se basta sozinho, é preciso contatos com outras aldeias para a gente se aprimorar. Isso areja e flexibiliza os pensadores.

A contação de histórias, usada pelo Proler como prática de sedução para envolver leitores numa trajetória de leituras do mundo, exerceu uma influência irresistível e decisiva na vida de Gregório, inaugurando nele o contador de histórias.

Viajávamos muito, por todo o Brasil, e eu ficava observando e ouvia os contadores populares, aquilo me remetia pra minha infância, pros meus avós. Tive clareza que este é o meu caminho. Fui então me desligando do teatro e fiquei concentrado na narrativa, na contação de histórias. Eu observava o trabalho dos contadores populares nas ruas, nos mercados, feiras, e aprendia com eles. A expressão corporal e vocal eu trouxe do teatro. Depois comecei a fazer as oficinas de formação de contadores.

É desta época a crônica de Affonso Romano de Sant'Anna relatando o episódio da insólita "visita" que alguns marginais da favela do Pereirão fizeram ao coordenador do Proler. Nomeando-se líderes do tráfico do morro, diziam que achavam "muito legal" o programa de leitura, e ainda advertiam: "Podem continuar."

O trabalho de pesquisa e promoção da leitura pelo resgate da tradição oral ganha um grupo de peso, o Morandubetá, composto por Benita Prieto, Celso Sisto, Eliana Yunes e Lúcia Fidalgo. Os espetáculos de contação de histórias são dirigidos por Gregório Filho e apresentados em escolas, hospitais, feiras de livros, museus, praças públicas e bibliotecas. O Proler leva leitura para todos os cantos. No Rio as contações acontecem na Biblioteca do Centro Cultural do Banco do Brasil.

Em 1996, após a publicação de um artigo de Eliana Yunes sobre a situação do Proler, o ministro da Cultura Francisco Welfort, do primeiro governo de Fernando Henrique Cardoso, exige a demissão da assessora. Como não concordasse com isso, Affonso Romano de Sant'Anna

é demitido, bem como a equipe do Proler é desmantelada. Gregório cai em profunda crise de depressão. Passa as noites desenhando, fazendo pipas alucinadamente, escrevendo desvairadamente. Passei um ano dessa maneira.

Aí fui para o Paço e comecei a me reerguer.

Gregório é alguém que tem história o tempo todo para contar.

Conheci Gregório em 1992, quando começou o trabalho com o Proler. E junto com ele pude ver como se constrói um leitor através da oralidade e de pedaços que vamos juntando de nossas vidas.

A fala suave e lenta nos convida a ouvir sempre sem cansar os ouvidos. Gregório olha o céu e vira nuvem, olha o rio e navega e nos faz voar ao som do vento que sopra quando conta e nos encanta.

Lúcia Fidalgo



Ensinando a contar

Gregório passa a integrar a equipe do setor educativo do Centro Cultural Paço Imperial, ligado ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Aí, trimestralmente, desenvolve oficinas voltadas às práticas de leitura e formação de contadores de histórias. Muitos grupos de educadores e professores, principalmente, passam pelas oficinas. Nessa época, além dos bigodes, Gregório começa a cultivar uma longa barba branca.

Conheci o Gregório em 2007, quando me inscrevi na sua Oficina de Contadores de Histórias no Paço Imperial. As inscrições eram abertas para jovens e adultos. Formou-se um grupo com cerca de 40 pessoas e a carga horária era de 30 horas, com encontros às terças e quintas-feiras na parte da tarde.

Nessas prazerosas horas, Gregório contava histórias e convidava os participantes a fazer o mesmo, dando atenção especial ao nome de cada um. Muitas leituras de textos de vários autores foram feitas; muitas discussões, também, além de atividades lúdicas como cantar e dançar, fazer pipas

etc. As pessoas eram convidadas a contribuir com alguns quitutes para os lanches coletivos que se tornaram... cada vez mais, deliciosos!

Terminada a oficina, muitas pessoas que já estavam bem entrosadas demonstraram o desejo de continuar se encontrando. Sonia Sampaio, professora (Letras) e excelente contadora de histórias, decidiu, com a colaboração de algumas pessoas, formar um grupo, que logo foi batizado por ela de Agregando, uma singela homenagem ao Gregório, que nos agregou.

Gregório é uma pessoa encantadora, que realmente nos encanta com seu saber, sua postura, sua simplicidade... Estimula as pessoas ao ato da leitura e da contação de histórias. É uma referência que não pode ser desconhecida por aqueles que desejam contar histórias. Escreveu vários livros que precisam ser divulgados.

Ele é uma pessoa encantadora, que continua agregando pessoas para a realização dos atos de ler e contar histórias.

Faz cinco anos que o grupo se reúne mensalmente, para contar histórias e o nosso convite aos outros é feito às pessoas, nos encontros de roda de leitura e de contação de histórias.

Deka Teubl

De como um homem vira rua

Em 2004, retorna ao Acre para exercer o cargo de presidente da Fundação Cultural Elias Mansour (FEM), onde permanece até o final de 2005. Essa passagem pelo Acre é curta, mas intensa e extremamente produtiva.

Para fomentar a arte e suas diferentes linguagens, cria o Conselho Estadual de Cultura, que contou com a presença do então ministro da Cultura, Gilberto Gil, em sua cerimônia inaugural. Realiza a 1º Conferência de Cultura; insere os artistas acrianos no Projeto Pixinguinha; amplia a verba destinada à cultura no estado; inicia a construção da sede da Fundação cria e apresenta os programas "Se Esta Rua Fosse Minha", na Rádio Difusora, e o "Almanaque Aldeia", na Rádio Aldeia. Ambos têm a proposta de levar informação cultural à população e resgatar músicas populares e folclóricas.

A interação com os ouvintes foi tão intensa que os moradores do bairro Chico Mendes deram o nome de Gregório Filho a uma das ruas. Quando sabe da homenagem, na presidência da Fundação Elias Mansour, Gregório vai conferir de perto e fica comovido. Foi quando vi, lá dentro do mato, uma casinha de madeira, quase caindo, à venda. Procurei o senador Tião Viana e falei do meu projeto, que ele abraçou como seu. Um empresário amigo comprou o


RUA
GREGÓRIO FILHO
CEP 69.908-970
TELEACRE/P.M.R.B/CORREIOS

terreno – a casinha praticamente não tinha mais estrutura – e o doou ao Estado para que o espaço fosse transformado num ambiente de leitura.

Quando Gregório chega à Rua Gregório Filho para acompanhar as obras de construção da Casa de Leitura Chico Mendes, as crianças o seguem e ele puxa o canto:

Se essa rua, se essa rua fosse minha
Eu mandava, eu mandava ladrilhar
Com pedrinhas, com pedrinhas de brilhante
Para o meu, para o meu amor passar.

Ali, as crianças vão além da leitura. Brincam, divertem-se, improvisam teatro, cantam, encenam pequenas peças de teatro, fazem trabalhos artesanais, pipas, driblam a desesperança, mas, sobretudo, leem. A Casa de Leitura Chico Mendes foi a segunda criada na administração de Gregório. Outras mais viriam, totalizando quase cem casas de leitura somente no Acre.

Quando sai da presidência da Fundação, em 2005, o secretário de Comunicação, Aníbal Diniz, representando o então governador Jorge Viana, declara: "Há pessoas que se põem acima das diferenças, são pessoas iluminadas. Gregório é uma dessas raras pessoas. Sua trajetória de vida se confunde com o próprio desenvolvimento do ambiente cultural acriano, do qual ele é um dos criadores mais destacados. Sua presença no governo só não aconteceu antes porque ele se via obrigado a atender outros compromissos. Sua presença deu visibilidade às ações da cultura em nosso Estado".

Nova experiência

Em 2006, volta para o Rio de Janeiro e retoma suas atividades no Paço Imperial. Ao todo, são cerca de 40 oficinas para contadores de histórias realizadas por Gregório.

No início de 2010 é nomeado secretário de Promoção da Leitura, em Nova Friburgo, Rio de Janeiro – a primeira secretaria municipal dedicada à leitura no país. Lá Gregório fica por quase um ano, retornando aos quadros da Fundação Biblioteca Nacional, onde trabalha atualmente com o sistema de bibliotecas públicas.

> *Conheci Gregório no início dos anos 1990, após a realização do primeiro módulo do Proler, em Vitória da Conquista/BA. A partir desse encontro, passei a conviver com Gregório, pois um dia, sem que eu esperasse, com a sua voz calma e convicta, convidou-me a viajar pelo Brasil afora para cantar e contar as histórias das canções brasileiras.*
>
> *O aprendizado adquirido nessa convivência foi enorme. A ética, a sabedoria, a segurança e, acima de tudo, a delicadeza com que trata tudo e todos é, certamente, a marca maior desse humanista inveterado.*

Gregório me ensinou quase tudo que sei e que hoje aplico em minha vida pessoal e profissional. A sua amizade é, certamente, uma das coisas que mais me honram. Sou-lhe muito grato por ter acreditado em mim, por ter contribuído para que assumisse o meu potencial artístico. Certa feita lhe disse: "Gregório, tenho vontade de fazer a escola de música". Ele respondeu: "Vai lhe tirar a espontaneidade, a autenticidade do seu trabalho. Vai lhe fazer um músico. Continue fazendo o que você sabe". Aquilo me deu uma tranquilidade enorme.

Por fim, Gregório é, certamente, a figura mais autêntica do contador. O seu jeito de narrar traz o sentido que Walter Benjamin atribui ao autêntico narrador. Contudo, acrescenta o moderno, o atual, sem cair na pieguice, no estereótipo. É verdadeiro, por isso encanta a todos.

O único jeito que encontrei para homenageá-lo e retribuir todo o carinho e todo o ensinamento que me deu foi colocar o seu nome no meu filho: Francisco.

Silvio Carvalho

Imortal

Em 27 de abril de 2011, é empossado membro imortal da Academia Acriana de Letras. Não tenho muita intimidade, mas eu gosto de ter sido eleito.

PARTE IV



No presente

Atualmente, de sua sala no 11º andar do Edifício Capanema, no Centro do Rio de Janeiro, Gregório integra a equipe que faz parte do Sistema de Bibliotecas Públicas da Fundação Biblioteca Nacional. Faz parte do seu trabalho articular as bibliotecas públicas na conquista por novos leitores, para fazer a inclusão da nova geração e promover o acesso aos livros, à leitura, ao conhecimento.

Segundo ele, sua atuação ocorre numa brecha, para além da guarda e do preparo para a disponibilização do livro. Seu ofício é abrir o livro, ler e contar a história. É uma ação com vistas a democratizar e socializar o conhecimento.

Segundo Gregório, a contação de histórias é, na sua essência, um degrau importante para melhorar a leitura. Há alguns discursos patrulhando contra a prática de contar histórias, mas ela é essencial. Você se torna leitor com a oralidade, com a escrita e com as imagens. Não apenas com o contato com a letra. É a palavra escrita, conectada com o oral, com o que está em volta e com as imagens. Uma prática não desmerece a outra, não há hierarquia.

Não sem um pontinho de amargura, ele complementa: Num modelo de gestão pública, estou num cantinho,

permitido por causa da generosidade de alguns, com a permissão de fazer o que faço. Acho que na minha trajetória eu vivo mais claramente aquilo que um dia um dos meus chefes falou: 'deixa ele fazer o que ele quer, o que ele sabe fazer, porque não serve pra nada.' O que não serve pra nada? Abrir o livro, ler, contar história, incentivar as pessoas para que criem, escrevam e contem suas histórias.

Da contação para a escritura

Jabuti sabe ler, não sabe escrever. Trepa num pau e não sabe descer.
Ler, ler, ler e escrever. (Cantiga popular)

Segundo Yunes, "quando alguém é leitor, fica irreprimível, mais cedo ou mais tarde, o impulso de ser escritor. (...) A escrita é uma compulsão da memória recolhida, selecionada, trabalhada pela razão sensível e pela sensibilidade inteligente, perspicaz, arguta." (*in* Guardados do coração, p.9).

O processo de escritura de Gregório é similar ao seu processo de contador. À medida que vai contando a história, a história vai se escrevendo e você vai se inscrevendo na história; aí é só verbalizar e registrar a voz. A minha experiência de escrever com prazer e alegria é escrever histórias quando estou em processo de amadurecê-las internamente para contá-las, narrá-las; registrar no papel ajuda a ordená-las melhor.

São dessa natureza as narrativas que Gregório escreve. Seus livros são sempre ficcionais e autobiográficos, vivências, experiências e documentos. Ele escreve como quem conta, por isso ganham sabor especial ao serem lidos em voz alta.

Então, o escritor que sou é isso, não é mais do que isso, é o contador de histórias que escreve as histórias. Há alguns textos nos quais desenvolvo uma reflexão sobre

essas práticas, mas eu escrevo exemplificando mais do que teorizando. A teoria fica oculta.

O processo de Gregório é singular até na ação de escrever. Sentar numa mesa pra escrever? Nego qualquer mesa. Eu sento aqui na poltrona pra ler e escrever. Para Gregório Filho tornar-se escritor é um estranhamento.

Eu não tinha essa meta. Por causa da minha trajetória escolar, fui muito reprovado, tenho dificuldade com a gramática, que eu não sei até hoje, nunca tinha me colocado de frente com isso. Mas eu sempre escrevi, mal, com os vícios e os tropeços da língua. Mas a contação de histórias não só desperta interesse pela leitura, mas também pela escrita.

Poucos conhecem os primeiros livros de Francisco Gregório Filho: "Desnudar o quê?" e "Bloco". São da década de 1970 e faziam parte da literatura alternativa da época. Também escreveu algumas peças de teatro, cujas cópias se perderam. Estavam numa caixa guardada na loja de um irmão na Rua Paissandu, no Flamengo. Teve uma chuvarada, a loja alagou. Heloisa Buarque fez uma matéria e publicou um artigo na revista Vozes, não lembro o ano, 74/75, e ela cita e até reproduz um dos escritos.

Atualmente Gregório tem duas revisões prontas do livro "Guardados do Coração", livro muito citado em teses de mestrado e doutorado. Infelizmente as editoras não têm mostrado interesse em reeditar seus livros. Viajo muito, estou em contato com públicos diversos, em diferentes segmentos da sociedade, conto histórias dos livros, falo deles, faço oficinas com grupos diferentes, com professores, estudantes,

bibliotecários, transito por várias áreas, enfim, sou um promotor do livro incessante, constante. Acho que deveria ter um crédito.

Sua produção literária publicada compreende os seguintes livros:

Guardados do Coração – Memorial para Contadores de Histórias. 1998. Amais Livraria e Editora Ltda. Esgotado.

Grávidas histórias – Memorial de Notícias de mulheres do Brasil.1998. Amais Livraria e Editora. Esgotado.

Lembranças amorosas. 1997, 1ª Ed. 2000, 1ª reimpressão 2008. Global Editora e Distribuidora Ltda.

Difícil passagem -1ª edição 2003, 2ª Ed. 2005, 3ª Ed. 2006. Santa Clara Editora Produção de Livros Ltda. Esgotado.

Dona Baratinha e outras histórias. 2006. Rocco.

Ler e contar, contar e ler. 2011. Letra Capital Editora.

Ultimamente Gregório divide com Maria Clara Cavalcanti uma crônica semanal publicada aos sábados no espaço de leitura do Jornal da Serra, de Nova Friburgo.

Francisco Gregório Filho: o encantador de palavras

O valor do homem e da sua conduta mede-se exclusivamente pelo bem ou pelo mal que acarretam à cidade. (JAEGER, 2010, p.142 -143)

A epígrafe deste texto eu a encontrei há algum tempo e pensei que sobre ela se poderia escrever um bom artigo sobre as responsabilidades dos homens que exercem cargos públicos, e que, na maioria das vezes, não têm dimensão do que deveria ser o bem para a sua cidade, ou não se importam com o valor que possa vir a ser atribuído às suas condutas. Mas quis o destino que eu fosse convidada para escrever sobre um homem que não é necessariamente, neste momento, um homem público, mas diríamos que ele consegue ser ao mesmo tempo um homem plural e singular.

Até onde sei, por ouvir dizer, ele teria nascido nas beiras do São Francisco e que a origem de seu nome poderia estar vinculada ao locus de seu nascimento, assim como Francisco de Assis, ou Dom Quixote de La Mancha. Mas não vou contar aqui a sua história, mas a história de como o conheci e de como minha vida tem sido influenciada pela força que vem do seu canto a me chamar: "Vem moça bonita, vem moça bonita...". A primeira vez que nos encontramos foi na Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, quando eu ainda era estudante do mestrado e aluna da professora Eliana Yunes. Ele era autoridade na Casa da Leitura em Laranjeiras, e mesmo se não fosse, a sua barba branca, já naquela época, o autorizava a ser. Naquele encontro tratamos de assuntos burocráticos que permitiriam a instalação de um Comitê do Proler – Programa Nacional de Incentivo à Leitura, na velha Vila Boa de Goiás, minha cidade afetiva. Mas foi ainda na década de 90, já em minha cidade, que o vi atuar como encantador de palavras.

De lá para cá, alguns anos se passaram, sua barba parece lhe atribuir cada vez mais autoridade, mas é pela força da sua palavra entoada em forma de lendas, cantigas e histórias que eu me vinculo cada vez mais ao seu ser de memória e afeto. Sua figura emblemática em todos os seminários que realizamos em Goiás garantia a sapiência da oralidade aos nossos encontros, fazendo crescer entre os nossos o desejo de ser, também como ele, encantadores de palavras. Ele, sem ter currículo lattes, nem título de academia, ensinou como mestre, a minha e a muitas outras comunidades de professores, a sermos mediadores de leitura apaixonados e apaixonantes. O livro era apenas mais um dos recursos de onde ele tirava as inúmeras narrativas com as quais realizava o seu poder de sedução, de encantamento, com o qual comunicava cognitiva, emocional e sensorialmente com a sua plateia. Exercer o papel de mediador de leitura, visto sob a sua ótica, parecia uma tarefa simples, sem muita sofisticação do ponto de vista conceitual, mas muito eficiente do ponto de vista prático. Não que houvesse aí uma disputa entre a academia e o saber de memória e de coração. Não, conviviam juntos, irmanados na mesma corrente, Eliana Yunes e esse senhor de Barbas Brancas, ou seriam azuis?

Sim, de forma singular aprendi com esse meu mestre a amar ainda mais as pipas e a estar grávida de histórias. Com ele aprendi mais sobre o impacto da literatura do que com os formalistas russos, aprendi que a leitura do livro e do mundo tem a mesma intensidade quando encontramos alguém que nos conduz até às margens deste ou daquele e nos diz: atravesse, mergulhe,

voe... e sem nos perguntarmos da profundidade, das distâncias ou das alturas nos lançamos com a certeza apenas de que o firmamento pode ser uma construção coletiva de vários voos, de vários cantos...

Hoje sou uma pesquisadora que se dedica ao tema da formação de mediadores, leio documentos em que se traçam diretrizes para cursos de mediadores a serem oferecidos pelas universidades, leio livros que tratam de tantas possibilidades de mediação quanto o número de novas linguagens que se emparelham com o livro e com o saber de memória materializado na voz dos anônimos da literatura oral. Antes mesmo deste tema ser uma proposta de política em vias de se tornar pública, eu já me dedicava a defender a prioridade de uma ação eficiente em se tratando de mediação. Mas não foi das teorias e dos pronunciamentos oficiais que aprendi o valor do mediador para uma sociedade que se sonha leitora. Foram nos encontros promovidos pelo Proler, inicialmente, e depois, nas várias oportunidades que tive de partilhar dos mesmos espaços de pensamento e fomento do livro, da leitura e da literatura. Em todos estes espaços, tive a grata satisfação de ouvir histórias cantadas e contadas por esse senhor de quem vos falo. Nosso último encontro foi no ano de 2011, onde pude não só ouvir histórias mas pude saber um pouco mais sobre a sua história de mediador. Mediador no meio da floresta, no Acre, criando casas de leitura; mediador na serra friburguense, como secretário de Leitura, contando e colhendo histórias debaixo das jabuticabeiras. Histórias que ele atualiza ao retirar

de dentro dos livros e histórias que ele eterniza quando leva para dentro dos livros, numa trajetória que não neutraliza nem exclui nenhum gênero ou linguagem. Seu repertório oscila entre a oralidade e o texto escrito, entre o leitor e o escritor. A cada experiência relatada, eu e os demais que fazíamos parte do mesmo Simpósio, integrado ao V Encontro Internacional da Cátedra, realizado em Goiânia, transportávamos para o espaço onde se passavam as histórias e, de nossa parte, sonhávamos em sermos nós mesmos personagens de histórias como aquelas feitas de gente que se preocupa com gente. Histórias tecidas com fios de solidariedade e responsabilidade com um destino de humanização de homens e mulheres, que estão à margem de todas as sociedades daqui, do Acre ou de mais além. Saímos todos alargados pelas experiências reais e possíveis de serem reproduzidas, multiplicadas por tantos quantos queiram se somar nessa rede de mediadores, atores, cantores, leitores, professores, seres humanos. Mas um alerta precisa ser dado, não pensem que com esse mestre da mediação se aprende conceitos de teoria da leitura, não saímos especialistas em literatura oral ou escrita, saímos especialistas em gente.

Meu depoimento não pode afirmar ser o Senhor Francisco Gregório Filho um homem público, entendendo este conceito como aparece no dicionário: " indivíduo que se consagra à vida pública", mas, por outro lado, se fosse para medir a sua importância pelo bem que tem feito não só a minha, mas a tantas e inúmeras cidades dentro do nosso imenso País, ele

deveria merecer as mais altas honrarias pelos relevantes serviços prestados em prol da humanização de homens e mulheres, que aprendem com ele a buscar a beleza na simplicidade, que podem falar baixo e macio, porque a força de seus argumentos é suficiente para fazer calar qualquer auditório.

Agradeço a oportunidade de poder manifestar assim em voz e letra a minha admiração e o meu reconhecimento de que minha trajetória de profissional e de pessoa comprometida com a leitura, com o leitor e com a literatura deve muito a esse homem chamado Francisco Gregório Filho. O estudo, que este depoimento passa a integrar, será um legado para todos nós que tivemos a oportunidade de conviver e aprender com esse homem-livro, com esse homem-mar, com esse homem-floresta. Quando nossas memórias já tiverem sido gastas pelo fio do tempo, que este estudo continue contando a sua história para as gerações que nos sucederão na tarefa de levar o texto literário a todos como um direito conquistado e defendido. Porque assim nos ensinou o Encantador de Palavras Francisco Gregório Filho, que à sua maneira, como Napoleão Bonaparte, também acredita que as ciências podem ajudar o homem, mas que a literatura é o próprio homem.

Cidade de Goiás, 28 de maio de 2012

Ebe Lima

Do contador para o mediador

Curió, curió, curió, de mim tem pena, por favor, de mim tem dó.
(Cantiga Popular)

As oficinas são sempre cheias e disputadas. O canto de chamada ecoa pela sala. Há um instante em que os olhos pedem a palavra mágica: Conta! Ele suspende o tempo e conta, entoa, brinca, dança. Os movimentos são, de certo modo, uma maneira de dar acento à narratividade, participando assim da ligação secular entre a mão e a voz, entre o gesto e a palavra. Olha no olho do outro.

Só posso contar uma história encontrando o olhar do outro; para minha voz poder repercutir; tomar dimensão. O olhar estabelecendo a confiabilidade do diálogo. O olhar do outro é o alimento solidário para eu me pôr de frente, encontrando a respiração do outro. Necessito do olhar, do olho do outro no meu olho. (...) O olhar ajuda a dizer e, principalmente, ajuda a ouvir. Os olhos ajudam a buscar o significado nos guardados do coração; (...) A voz com o olhar, partilhando horizontes em dores escuras, sombras de desencontros, desilusões profundas e achados iluminados.

Como se tece uma história, Gregório?

A história tem que fazer conexão com a minha vida, perpassar a internalidade. O primordial na contação é a

escuta aliada à expressão. Para isso, precisamos da quietude ouvindo uma voz narrando e trazendo uma história, um texto. Os repertórios são formados de dentro pra fora.

Gregório trabalha a história em sua poltrona, bem cedo, na quietude, fazendo pipas, ouvindo uma voz interna trazendo uma história, um texto. De acordo com Benjamin, as mãos de Gregório têm uma relação profunda com a atividade narradora, precisam apoiar o que a voz enuncia, um tempo sem tempo marcado, de relaxamento íntimo, colocando as mãos em função, como aprendeu com a avó. As pipas não voam, mas dão asas à imaginação. Quando faço pipas vou colocando a memória em ordem, organizo as histórias para poder contá-las. Costuro cada pedaço, bordo, prego botões, fitas e assim a pipa voa.

Esse momento de quietude pode acontecer de variadas maneiras: cozinhando, fazendo salada, lavando e cortando tomate; o fazer com as mãos é que leva à quietude. Gregório também usa a música, uma melodia que possa dançar e cantar; geralmente melodias que "acordem" nele fatos vividos.

Quando se está diante de um poema, de um quadro, de uma paisagem, especialmente diante da água, de uma cachoeira, riacho, rio, igarapé, queda d'água, os canais sensoriais são abertos e dá um *insight* para algo fantástico no imaginário; e ocorre a lembrança de alguma experiência passada, ancestral; aí eu ordeno com a palavra, porque cada palavra tem imagens, contém um museu de imagens; trago a história inteira, internalizo; eu não preciso ler a história antes, raramente esqueço uma história, todas as palavras estão ordenadas.

Ele lembra Carlos Drummond de Andrade. Na infância, antes de pensar em se tornar escritor, Drummond era colecionador. Ele colecionava cacos, ele andava no quintal e nas ruas chutando os cacos, guardava e formava um mosaico. Ele entendia que a história dele, a inteireza dele era formatada como um mosaico, cheia de cacos. É como se o homem fosse todo fragmentado e religado. Meu repertório é assim, cheio de fragmentos, de mosaicos, cheio de histórias, todas têm começo, meio e fim. Todo enredo da vida, das perdas, das mortes, das dores, tenho todo esse repertório.

Gregório é repositório de um sem-número de experiências, todas convertidas em histórias. Para ele, contar transforma-se numa herança que legamos aos outros. Herança composta por experiências, desejos, sentimentos, histórias ouvidas e vividas. Ao contá-las, exercemos um ato de generosidade.

Na sua prática de contador há sempre espaço para outras vozes, outras experiências, outras histórias. Doutores e pessoas comuns. Como sou de origem popular, essas vozes me acompanham. O espaço é aberto a quem tem alguma coisa a dizer. Em sua trajetória de gestor público, o exercício sempre foi o mesmo. Sempre houve espaço para que as pessoas se tornassem protagonistas em seu trabalho. Em toda a minha vida, eu acredito, sempre puxei as pessoas, sempre atuei como uma frente, e depois eu dizia, toma, vá em frente, é sua vez.

Segundo ele, ouvir e contar histórias pode nos ajudar no exercício de tolerância e no convívio com o

outro, o diferente. Ele acredita que a estética e a ética apuradas nas diversas circunstâncias vividas pelos personagens das histórias trazidas a nós na leitura de um conto, de uma imagem e, ainda, de uma música, ajudam no posicionamento crítico e inventivo de cada um diante das adversidades em nossas trajetórias de vida.

Enriquecemos a capacidade de discernimento e empreendemos ações sustentáveis para a qualidade de vida. Para rir, brincar e criar laços afetivos com as pessoas queridas.

Esse acervo vai me possibilitando construir meu saber. Produzo minhas memórias e vou aprontando meu futuro. Então sigo, pela escolha dessas narrativas, revelando aos outros as informações de como me constituo. Assim pode ser um contador de histórias. Uma voz convidando o outro para a escuta.

Ele não tem uma pauta pronta e não conta por encomenda. Depende do público, dos rostos, do comportamento do auditório. Seu repertório transita da fábula, lenda, mito, ao conto, conto popular, conto autoral, crônica, romance, xácara, que é uma tragédia cantada na Idade Média, que as crianças adoram. Seus autores preferidos vão de Cecilia Meireles, Ítalo Calvino, Adélia Prado, Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Guimarães Rosa, aos dramaturgos, Nelson Rodrigues, Calderon de La barca, Lope Vega, Shakespeare. Ultimamente está gostando de Iberê Camargo, considerada uma literatura muito forte.

Um dos meus maiores interesses é promover, acompanhar, contribuir de alguma maneira para a aproximação dos jovens com as linguagens artísticas, especialmente com a literatura, os livros. Penso que com a minha prática de contador de histórias posso reforçar esse caminho.

Gregório já contou em aldeia indígena, no lombo de boi, fazendas, palácios, castelo na Espanha, Hospício Cabañas, em Guadalaraja, onde estão as obras de Clemente Orozco, um dos mais importantes muralistas mexicanos, bares, sindicatos, hospitais, universidades, salas de escola, embaixo de árvore, em asilos, clubes, museus, centros culturais, bibliotecas. Ele prefere locais que tenham vínculo com a linguagem artística, com a linguagem da memória. Já contou com a Dra. Nise da Silveira, renomada médica psiquiatra, criadora do Museu de Imagens do Inconsciente, no Rio de Janeiro. Mas o que emocionou mais o contador, até agora, foi contar história na Central do Brasil, na inauguração do restaurante popular. Naquele vão central, cheio de comércio, todos em silêncio, ouvindo a história, não se ouvia nem uma mosca; a fome e o conhecimento, porque a ideia original era promover também conhecimento, um restaurante pra dar pão e poesia.

Faz sentido isso?

Surpreendem-me hoje, século XXI, ano de 2012, os educadores solicitarem aos autores troca de palavras, solicitarem aos contadores de histórias a não contação de

determinadas narrativas, como mitos brasileiros, indígenas, mitos poéticos lindos das culturas indígenas brasileira. Pedem para não contar, ou transformar o mito em uma lenda, contemporizar algumas passagens para evitar determinadas circunstâncias dramáticas da narrativa para não gerar nenhuma interpretação fora do previsível.

Deixo de contar em muitos lugares porque não faço concessão. Do pequeno repertório que tenho, a maioria é de mitos brasileiros e eu zelo muito. Então quando fazem contato comigo pedindo para eu fazer uma contação, mas não contar tal história, evitar determinada passagem, pular a passagem, evitar falar do corte (da história Nascimento das estrelas, mito bororo), eu não faço, a história fica sem graça.

Por que uma criança de oito, nove anos não pode ouvir a história das toalhinhas da maneira que conto? Porque não chegou a idade, dizem os coordenadores pedagógicos. Mas podem ver televisão. Há um excesso de moralismo, entendimento de que determinadas questões não são prudentes de se falar para crianças. Eu falo da delicadeza da passagem, do cuidado, a toalhinha é simbólica, porque nem toalhinha se usa mais, e os produtos estão à vista, em exposição, nos supermercados, nas farmácias, nas bolsas, gavetas das mulheres, então nada é oculto, clandestino. Porém a história é tabu. Acho que é uma atitude de não querer assumir responsabilidade para dar enfrentamento a questões mais profundas; tá todo mundo escapulindo, não querem se comprometer em abrir um diálogo com argumentos para aprofundar determinadas questões. Essa da toalhinha é um exemplo.

Suzana Nascimento, atriz, contadora de histórias, relata que há 12 anos, quando fazia o curso de Produção Cultural na UFF, se juntou a algumas amigas para formar um grupo para contar histórias em aniversários infantis. Na época, ficou sabendo que havia uma oficina no Paço Imperial. "Fui me encantando, não só pelo Gregório, mas pelo que ele provoca nas pessoas; e fui percebendo que contar história é muito mais profundo. Teve um dia que foi especial, quando ele contou como nasceram as estrelas, dos bororo. Aí foi um baque. A história me bateu de um jeito tão poderoso, que provocou uma mudança na minha vida; naquele dia eu decidi que ia ser contadora para o resto da minha vida. Na época não entendi muito bem porque fiquei tão tocada com a história, mas é justamente porque fala do corte, do corte de laços, e eu estava precisamente saindo de casa, cortando laços. Até hoje é a história que mais gosto de contar, não conto em qualquer situação, porque pra mim ela é uma história sagrada. Eu conto a versão dele, porque só na dele tem o alimento que só os homens podem comer. Quem me inaugurou na arte de contar história, foi ele, o Gregório; eu aprendi com ele e vejo isso como uma missão."

Affonso Romano de Sant'Anna nos conta:

"Francisco Gregório Filho, contador de histórias, que trabalhou nesse campo com seringueiros no Acre, pescadores no Nordeste e professores, certo dia, no Rio, estava fazendo um trabalho na favela de Manguinhos, ali atrás do sofisticado Instituto Oswaldo Cruz, zona norte da cidade. Havia se reunido com as mulheres da associação de moradores, comido bolinhos de arroz fritos e recheados com carne seca moída e temperada com folhinhas de manjericão e, ao sair da favela, deparou com

um barraco onde havia um estúdio de rádio FM. Era uma rádio comunitária que transmitia melodias através de 10 caixas nos postes. Entrou no barraco, foi apresentado ao locutor Mac Andréss e este colocou o microfone à sua disposição.

Gregório resolveu, então, narrar um conto popular, uma crônica e uma fábula. Poucos minutos depois, apareceu um garoto correndo e lhe pediu que contasse de novo as histórias porque a "vó" havia gostado muito.

O experimentado contador de histórias adicionou ingredientes novos à narrativa e prosseguiu com o conto de Eça de Queirós "O tesouro" e o poema de Drummond "A morte do leiteiro".

Os textos ecoando sobre e entre as casas pobres causava as reações inesperadas. Uma delas foi a do seu Manuel Antônio, um senhor de cerca de oitenta anos que lhe trouxe escrita, num papel meio amassado e com sua letra, uma história, pedindo que ela também fosse lida ao microfone." (*in* "Ler o mundo", 2012)

Contador – narrador – mediador

A palavra mediação remete a um intermediário, cuja meta é promover a aproximação entre indivíduos e coletividades e obras de cultura e artes (Teixeira Coelho, 1999, p. 248, *apud* Revista Vertentes).

Segundo Gregório, as artes, especialmente a literatura, têm o poder de nos colocar num lugar para além do nosso

cotidiano, num exercício imaginário que nos permite criar um distanciamento para contemplar e interpretar a realidade e nos percebermos nela. Ele considera ainda que a leitura é um dos caminhos para minorar o quadro de desigualdade, de exclusão cultural e social que existe no nosso país.

Fundamental para quem trabalha com o universo da leitura é o papel do mediador, que é afinal o papel do contador de história. Pelas histórias, ele vai trazendo as notícias de mundo, vai abrindo livros. É um mediador.

Como é o processo?

Falo aqui, então, de um lugar muito pessoal, sim? Acredito muito nas pessoas que desenvolvem um sentido de responsabilidade social. Aí, na grande maioria das vezes, vem o desejo de compartilhar, atuar em conjunto, junto ao outro e/ ou aos outros para melhorar seu desempenho solidário e político.

A ideia é: "te ajudo e tu me ajudas – nós nos ajudamos. Digo como leio o mundo a ti e tu me dizes como o lês. Escuto a ti e tu me escutas". Escolhemos textos, imagens e histórias para as nossas leituras. Conversamos sobre elas, sobre as maneiras como as entendemos e aí podemos romper juntos, talvez, o senso comum que está impregnado em nós. Com respeito às escolhas um do outro e também ao tempo de desenvolvimento emocional e intelectual de cada um. Bom, nesse processo, vou me tornando um leitor melhor do mundo, como ainda um escritor de palavras, de imagens e de narrativas. E, simultaneamente, um mediador de leituras em diferentes textos e suportes nas muitas linguagens, especialmente, as artísticas.

A contação também é importante para a formação de novos leitores, para o aprofundamento de leitores que estão nas escolas e nas bibliotecas. A prática de contar histórias é essencial, porque a pessoa se torna leitor pela oralidade e imagens, em primeiro lugar, e depois pela escrita, não apenas com o contato com a letra. É a palavra escrita, conectada com o oral, com o que está em volta e com as imagens. Uma prática não desmerece a outra, não há hierarquia.

Considero-me um leitor e um escritor em processo – em formação – que é continuada, um *aprendente*, em permanente estado de aprendizagem. Sou um narrador – aquele que narra a dor – as dores humanas – aquelas que são de todos os humanos. Então também desenvolvo essa função de mediador – mediar a dor. A minha e/do/com o outro.

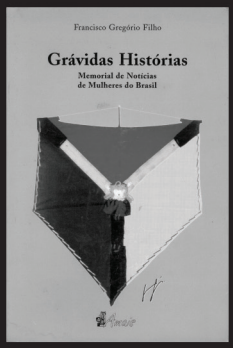
Assim, penso que um mediador, um criador, fruidor e protagonista de leituras exerce melhor esse papel de grandeza social: mediador de leitura. Com os livros, os CDs, os DVDs, os blogs, as revistas, os jornais, as brincadeiras, as memórias e a voz do outro.

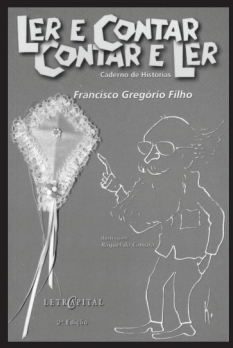
Torno-me então um promotor de leitura. Um promotor da arte da convivência – o ouvir e o contar histórias. Com alegria, prazer e entusiasmo, contagiado e contagiando o outro em interesses para conhecer as experiências humanas que foram registradas e publicadas pelas mulheres e pelos os homens.

PARTE V

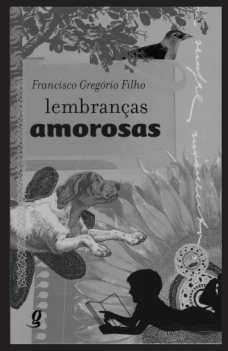


.1

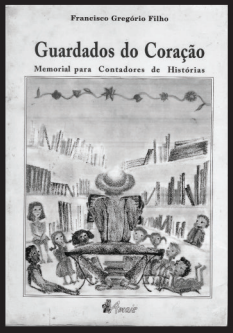

Francisco Gregório Filho
Grávidas Histórias
Memorial de Notícias de Mulheres do Brasil


LER E CONTAR CONTAR E LER
Caderno de Histórias
Francisco Gregório Filho
LETRAVITAL


QUEM QUISER QUE CONTE OUTRA...
Dona Baratinha e outras histórias
Francisco Gregório Filho
Ilustrações Martha Werneck
ROCCO

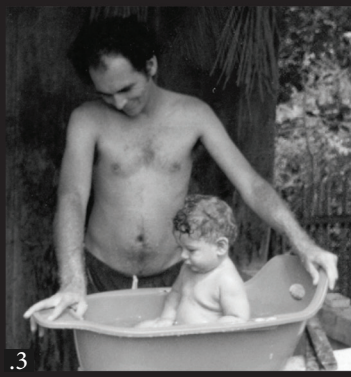

Francisco Gregório Filho
lembranças
amorosas


Francisco Gregório Filho
Difícil Passagem

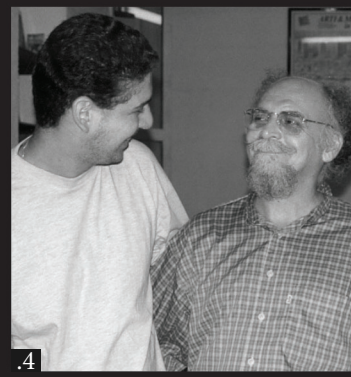

Francisco Gregório Filho
Guardados do Coração
Memorial para Contadores de Histórias



.2



.3



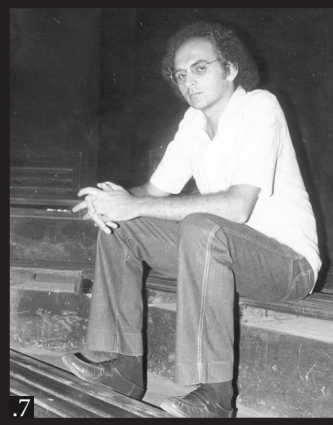
.4



.5



.6



.7



.8



.9



.10



.11


Seminário
Nacional de
Políticas Públicas
para as Culturas
Populares

.12


VARIG
BRASIL

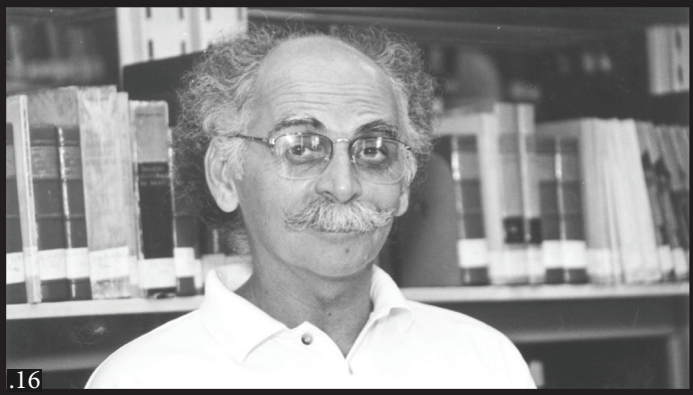
.13



.14



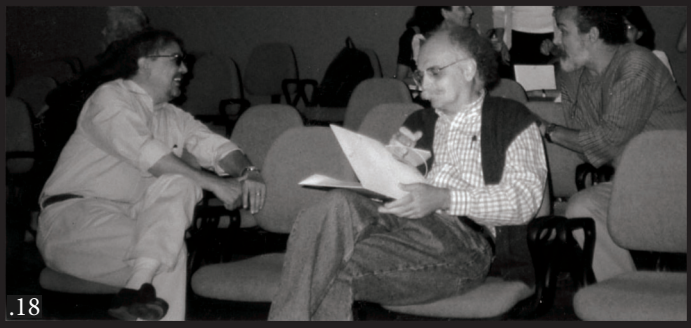
.15



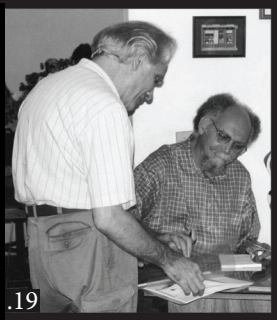
.16



.17



.18



.19



.20

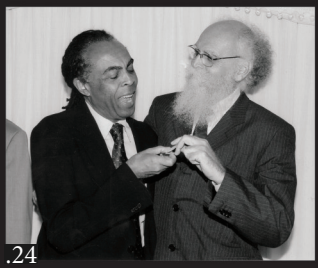


.21



.22

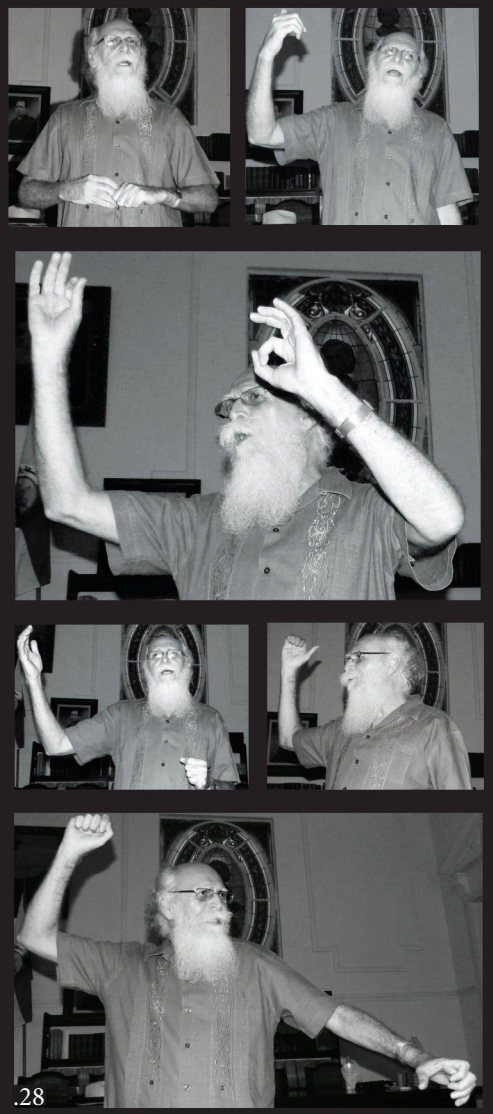

.23


.24


.25


.26


.27



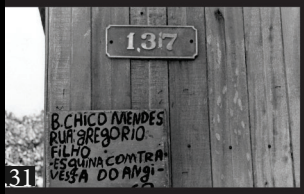
.28


RUA
GREGÓRIO FILHO
CEP 69.908-270
TELEACRE / EMBRATEL / CORREIOS

.29



.30


1,37
B.CHICO MENDES
RUA GREGORIO
FILHO
ESQUINA CONTRA-
VEIA DO ANGI-

.31



.32



.33

.1 Capas dos livros publicados

.2 Gregório, vó Maria com seu neto Kiko no colo e tia Lulu

.3/.4 Gregório e Kiko

.5 Gregório e Lúcia Yunes

.6/.7 No teatro

.8 Gregório e Eliana Yunes, no primeiro ano do Proler

.9 No Inacen

.10 No segundo plano, da direita para esquerda: Gregório, Chico Mendes e Marina Silva

.11/.12/.15 Divulgando a cultura popular em Rio Branco

.13 Gregório, Nuno Leal Maia, Chico Tenreiro, Luis Miguel e Ingra Liberatto

.14 Grupo Morandubetá, com apresentações dirigidas por Gregório: da esquerda para direita, Celso Sisto, Gregório, Lúcia Fidalgo, Benita Prieto, Eliana Yunes

.16 Gregório sem barbas

.17 Trupe em Campo Grande (MS): a partir da esquerda, em pé: Júlio Diniz, Gregório, Vera Varela, Nancy Nóbrega, Amir Haddad, Joel Rufino, Marli Amarília, Tania Rösing, Glória Kirineu, Rê Fernandes; agachadas: Marina Colassanti, Eliana Yunes, Maria Lúcia Martins, Marília Mendes.

.18 No primeiro plano, da esquerda para direita, Bartolomeu Campos de Queirós e Gregório

.19 Gregório com Fernando Lébeis

.20 Casa da Leitura, em Laranjeiras, Rio de Janeiro

.21 Oficina para contadores (Proler)

.22/.26 Exposição e oficina de pipas no Paço Imperial

.23 Posse na Academia Acriana de Letras

.24 Com o ministro Gilberto Gil, na criação do Conselho Estadual de Cultura, Rio Branco, Acre

.25 Jornadinha Nacional de Literatura, Passo Fundo, RS

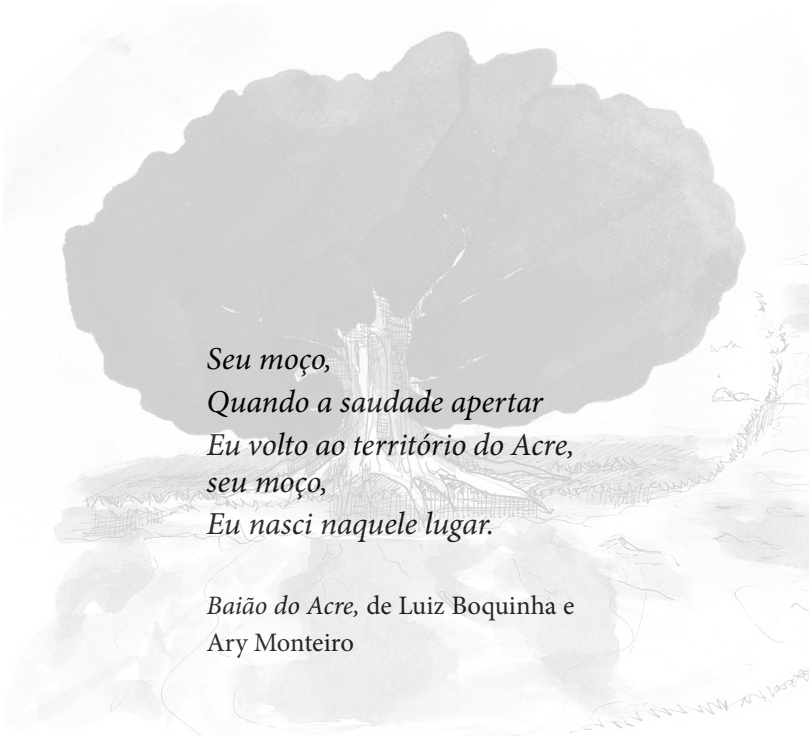
.27/.32 Casa de Leitura Chico Mendes, Rio Branco, Acre

.28 Contando histórias na Biblioteca Pública de Niterói

.29/.31 Torna-se nome de rua, homenagem dos moradores

.30 Contando histórias à sombra da jabuticabeira, em Nova Friburgo

.33 Contando histórias na livraria Arlequim, Rio de Janeiro



Seu moço,
Quando a saudade apertar
Eu volto ao território do Acre,
seu moço,
Eu nasci naquele lugar.

Baião do Acre, de Luiz Boquinha e Ary Monteiro

Posfácio

Ninguém resiste a uma estória (até mesmo mal contada).
Affonso Romano de Sant'Anna

Esta é uma história de vida, a vida de Francisco Gregório Filho. O que me levou a escrevê-la foi o desejo de registrar uma trajetória de raízes e significados, um relato do processo de construção de uma existência complexa e envolvente, uma possibilidade escolhida na composição de sujeito e protagonista de sua própria vida. "Não há narrativa natural; toda narrativa é uma escolha e uma construção; é um discurso e não uma série de acontecimentos." (Tzvetan Todorov)

É preciso dizer que houve concordância na recolha das informações e que ele sempre teve autoridade sobre o registro de suas recordações. Esta narrativa não se esgota nos fatos, nem tampouco se restringe aos registros. Meu interesse não é o cotejo das lembranças com a veracidade dos fatos, mas sim a versão, lembrança e esquecimento do homem-sujeito articulado com o presente, narrador-protagonista de sua existência singular. Foi um trabalho afetivo, realizado face a face, dias dedicados a conversas, a desvelar ou não segredos, a desligar o gravador e revelar confidências, a participar de oficinas. Poderia ter sido um tempo maior.

Inferi o mínimo possível, visando sempre à clareza. São minhas fontes: suas memórias contadas oralmente,

transcritas tal como colhidas no fluxo de sua voz; seus livros; pesquisas na internet; e a bibliografia, em especial "O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov"(Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221), de Walter Benjamin, e Jorge Larrosa, em "Notas sobre a experiência, e o saber da experiência". (Revista Brasileira de Educação, n. 19, jan/fev/mar/abr. 2012.)

Outras fontes:

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

COELHO, João Batista. **PROLER: um estudo sobre a sua implantação.** *In*: Anais da Biblioteca Nacional, v. 129, p. 9 a 55. Rio de Janeiro, 2009.

SIMPKINSON, Charles & Simpkinson, Anne. **Histórias sagradas.** Rio de gentileza e colaboração. Janeiro: Rocco,2002.

SANT'ANNA, Afonso R. de. **Ler o mundo**. São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda. 2012.

TIERNO, Giuliano (org.). **A arte de contar histórias - abordagens poética, literária e performática.** São Paulo: Ícone Editora, 2010.

Agradecimentos

A Francisco Gregório Filho, pela acolhida, generosidade, confiança.

A Lucia Yunes, pelos cafés, biscoitos, paciência e colaboração.

A Ebe Lima, Armindha Maria Freire Amorim, Maria Helena Kühner, Lúcia Fidalgo, Maria Helena Martins, Silvio Carvalho, Maria Pompeu, Marilia Amaral e Deka Teubl, pela gentileza e colaboração.

A Elisa Menezes, pelo apoio e colaboração.

Direitos desta edição
Tânia Machado | e-mail: taniamol@gmail.com

Coordenação editorial
Tânia Machado

Revisão
Elisa Menezes e Sandro Carneiro

Projeto gráfico
Fernanda Nunes Giovanini e Helena Gomes Freire

Editoração eletrônica
Fernanda Nunes Giovanini

Ilustrações
Helena Gomes Freire

Capa
Helena Gomes Freire

Fotos
Acervo pessoal de Francisco Gregório e Tânia Machado

Impressão
Singular Editora e Gráfica

1ª Edição - 2012

R48e

Oliveira, Tânia Maria Machado.
Entre rios / Tânia Maria Machado de Oliveira. -- Rio de Janeiro : [s. n.], 2012.
123 p. il.

Trabalho de Conclusão do Curso (Especialização sobre o Livro - do Autor ao Leitor)-Cátedra Unesco de Leitura, Pontifícia Universidade Católica, 2012.

ISBN 978-85-914506-0-2

1.Memória. 2. História de vida. 3. Gregório Filho, Francisco. I.Título.

CDU: 82-94

Esta história começou no século passado e foi
contada por muitas vozes.Composta em Minion Pro
e impressa em papel Pólen Soft 80 g/m² pela Singular
Editora e Gráfica, na primavera de 2012.

ISBN 978-85-914506-0-2